

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

GEOGRAFIA MILITAR DA OPERAÇÃO BARBAROSSA

Allan Pereira Julião

Trabalho de Graduação Individual – TGI II – Apresentado
para conclusão do Bacharelado em Geografia pela
Universidade de São Paulo.

Orientador: André Roberto Martin

São Paulo
2016

Trabalho de Graduação Individual apresentado ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Bacharel em Geografia, sob orientação do Profº. Drº. André Roberto Martin.

“Olhem para isso, cavalheiros. Comparada à Guerra, todas as outras formas de esforço humano se reduzem à insignificância” – General George Smith Patton Jr.

SUMÁRIO

1. Agradecimentos.....	5
2. Apresentação	9
3. Introdução.....	11
4. Base Teórica.....	14
4.1. Uma introdução aos dilemas de uma Teoria da Guerra.....	14
4.1.1. A Natureza da guerra, a Guerra Absoluta e a Guerra Total.	15
4.1.2. A Ciência e Arte da Guerra, além da Estratégia e Tática.	18
4.1.3. Espaço, ou algo análogo, para a Teoria de Guerra de Clausewitz.....	19
4.2. Geografia Política, Território e Heartland	21
4.2.1. Território.....	21
4.2.2. Centralidade Alemã e Russa no balanço de poder global	25
4.3. Nacionalidade Alemã e seu Plano Geopolítico.....	28
4.3.1. O conceito de <i>habitus</i>	28
4.3.2. A formação do <i>habitus</i> alemão	29
4.3.3. O <i>habitus</i> alemão no contexto Nazista.	33
4.3.4. Plano Geopolítico	37
5. A Operação Barbarossa.....	41
5.1. Os Objetivos Nazistas	41
5.2. A Progressão da Operação	43
5.3. O Insucesso	58
6. Análise e Considerações Finais.....	65
6.1. A Geopolítica Alemã e sua aplicação Militar.	65
6.2. Considerações finais.	70
7. Bibliografia.....	72

1. AGRADECIMENTOS

Ao escrever este capítulo, a única questão que bate em minha cabeça é “Como escrever os agradecimentos de um trabalho acadêmico?”. Por onde eu começo? A trajetória intelectual de um indivíduo é recheada de detalhes e nuances muitas vezes mais parecidas com a trama de um filme, ou seriado, do que uma grande investigação científica estruturada. Poderia começar com meu colega de faculdade, Pedro, que um dia em um ponto de ônibus que nunca mais frequentei, teria se surpreendido com o tema de TGI que teria em minha cabeça. Um estudo regional sobre o Noroeste Paranaense. “Nossa, sempre imaginei que você estudaria algo envolvendo a Segunda Guerra”. E com uma simples pergunta, mudei tudo.

Mas não é certo dizer que é com Pedro que meu TGI começa, e muito menos minha trajetória intelectual. Poderia estender meus agradecimentos para todos os cantos. No campo das artes, minha formação como ser humano não estaria completa sem trabalhos muitas vezes bobos, ou inconsequentes aos olhos frios da academia. Não posso deixar de agradecer à nomes como Alan Moore, Andy e Lana Wachowski, Bill Ward, Brad Delson, Charles Bukowski, Chester Bennington, Christopher Nolan, Christopher Wolstenholme, Dave Grohl, Dominic Howard, Geezer Butler, Henry Chinaski, Hideo Kojima, Hideaki Anno, Jimmy Page, Joe Hahn, Jonh Bonham, Jonh Paul Jones, Marshall Mathers, Matthew Bellamy, Mike Shinoda, Nobuo Uematsu, Ozzy Osbourne, Raul Seixas, Robert Plant, Rob Bourdon, Ryūtarō Nakamura, Shinichiro Watanabe, Tetsuya Nomura, Tommi Iommi, e tantos outros produtores artísticos que de um modo ou de outro tiveram um efeito igual ao do Pedro.

As vezes só um pequeno empurrão, um leve desvio. O suficiente. Porém outras vezes com um efeito muito maior. Seria extremamente injusto não agradecer todos aqueles que participaram de minha história pessoal, no mais profundo que isso significa. De São Bernardo, minha cidade natal, muitos amigos que me deram suporte em alguns dos meus mais terríveis anos. Agradeço a Tia Mô, Thabata, Gregory, Fábio, Bruna Balas e Tio Marco por terem sido uma família incrível que me acolheu e abraçou. Meus colegas de Escola, como Otávio “Dum”, Arthur, Andressa, Aline – louca como sempre –, Ingrid e tantos outros cuja memória me foge por nome, mas nunca na marca que me deixaram. Também devo lembrar daqueles que se tornaram meus amigos anos depois, a partir da conexão com amigos como Igor, Andretta, Diego, Henrique (Antigamente conhecido como Satan, um apelido bem adolescente que eu achava incrível), Lucas Maffei, Gustavo, e mais um enorme grupo de pessoas que pratico a injustiça de não incluir. Com muitos desses tenho tantas histórias de valor inestimável. Um

agradecimento especial é necessário a um dos homens que mais admirei e amei na vida, Cacá, além de seu filho e ainda meu amigo, Roger. De Boituva, cultivei poucas amizades, porém boas o suficiente. Mas sempre serei grato pela amizade de Kelly Saito, Amina, Michele, Alex, Hannalee, Deivis, Purga, Juan, e João.

Por mais incrível que possa parecer, também devo agradecer a alguns colegas e amigos virtuais. Foi no GameForum que aos 13 anos fui forçado a aprender como discutir, à eliminar vícios de linguagem, à respeitar limites pessoais de privacidade e principalmente à sobreviver somente com palavras em um ambiente caustico e inóspito. Sem meus colegas do Psycho Bar eu tenho certeza que nunca conseguiria desenvolver uma base simples de capacidade argumentativa, e nunca teria construído este gosto e prazer para discutir. Também agradeço à meu atual ambiente de trabalho, não somente pelas ricas oportunidades de crescimento individual no exercício de uma forma de magistério, mas também por colegas para discussão sobre cultura e sociedade.

Neste momento minha trajetória parece se cruzar novamente com o início deste capítulo. O período de faculdade foi incrível em sua fecundidade. Muitos novos diferentes foram descobertos, e diversas perspectivas foram abertas. Agora que o leitor parou de fazer piadas acerca de minha sexualidade, acredito que posso iniciar minha lista de colegas que tiveram uma influência importante em minha formação acadêmica e vida. Para Matheus e Geovanna, minhas desculpas por ser um péssimo colega de Republica. À Icaro e Thais, acho que um lugar para dormir, além de um eterno ombro amigo e noites de discussão. Para SAP nada, devido à falta de caráter ($GnR > BJ$). Para Marcella e Camila, que tenham muitas oportunidades de reconstruírem a bolha. Para Emerson 41, Ricardo, Felipe Suenaga e todo o grupo da arte, um enorme agradecimento pelo auxílio ao meu desenvolvimento como indivíduo. Para o grupo do futebol, muita bola, Paulo Nobre e discussão. Mas se possível, gostaria de um ano de vida de volta, haha. Para Blade, Tarcisio, Gabão, Patrick e Julião (O não-original), muito churrasco, Red Hot Chili Peppers, cerveja, cerveja e zoeira. Para Maialu, somente pediria um pouco de sua gigantesca força. Para tantos outros, muito obrigado. Obrigado também ao Bandeião, verdadeiro herói dessa saga. Além disso, ao Prédio da Geografia (e História), com sua mistura estranha de abraço familiar e inospitalidade que somente a grande rodoviária poderia fornecer. Agradeço às mesinhas e às rampas pelo espaço de discussão riquíssima, que, com o perdão aos grande professores da casa, foram os que mais me ensinaram geografia no debate entre iguais.

Desejo agradecer aos meus Mestres por toda pequena e grande influência que tiveram. Professor Mauricio de Matemática do Colégio Paraíso, que provavelmente esperava que eu

fosse Engenheiro Aeronáutico – como eu também esperava – eu agradeço pela enorme humanidade. Ainda o melhor professor que já tive. Para o Professor Doutor Rodrigo Valverde, eu agradeço por uma de minhas principais fontes acadêmicas, por sua paciência e por seu carinho. E por carinho, digo o carinho que espero na nota de minha banca de TGI. Hahaha. Ao Professor Doutor André Roberto Martin, pelas chamas de inspiração e a loucura ordenada das ideias. E ao Professor Doutor Manoel Fernandes, por sua marcante influência em como percebo a carreira acadêmica. Claro, sem me esquecer de tantos outros de minha formação básica e superior, cuja paciência ajudou a me formar.

Meus maiores agradecimentos vem agora. Por anos meus familiares puderam dizer que fui evasivo e parecia não me importar tanto com estes. Esta visão estaria correta. Mas os caprichos de um adolescente não podem diminuir os fatos que o eu adulto agora vejo. E o que eu vejo e sinto é uma enorme gratidão por todas as experiências, boas ou ruins, que o convívio familiar me trouxe. Agradeço ao carinho as vezes irrestrito de minhas avós, Maria e Odete, que com seu amor sempre mais do que compensaram a falta de meus avôs em vida. Crescer sendo apertado pelos abraços apertados e beijos na bochecha foram somente um enorme prazer na minha vida. Agradeço à meus Padrinhos, Tio Wilson e Tia Elizete, por todas as experiências que tive. Saibam que independente da história e dos conflitos, nunca duvidei do tamanho do amor e carinho que sentia de vocês, e que retornava. Tudo foi uma grande lição sobre amor e perdão. Não tenho como agradecer à meu Tio Hamilton e minha tia Tia Leisi o suficiente. Realmente, nem mesmo a minha paixão por anedotas e analogias consegue achar um paralelo bom o suficiente para auxiliar a explicar o quanto sou grato pelo carinho ao longo dos anos. Somente, obrigado. Agradeço também àquele que tenho certeza ter o maior coração entre todos que conheço e já conheci, meu Tio Rogério, que apesar de algumas opiniões polêmicas as quais não poderia discordar mais, sinto uma conexão e admiração intensa. Também divido alguns de seus sonhos. Que a – finalmente – Tia Valéria e meu primo Bernardo dividam e multipliquem toda a sua afeição que possuí. Agradeço a minha Tia Regina por ser um dos primeiros símbolos de força que conheci. Louca? Claro. Fala mais alto do que uma reunião da Cosa Nostra em um hotel de luxo em Roma? Facilmente. Mas ainda assim um gigantesco exemplo de superação e resistência, de amor e dedicação. Obrigado por estar ao meu lado. Para tantos tios e tias, primos e primas, adoraria estender mais abraços e agradecimentos. Porém como possuo mais de 30 primos e mais de uma dezena de tios, sou obrigado a parar por aqui.

Finalmente, ao quarteto final mais importante. Primeiramente ao casal mais imperfeitamente perfeito que poderia existir, meus Pais, eu não somente agradeço por todo

suporte durante os anos, como peço desculpas. Nunca questionaram minhas decisões. Sempre se mostraram presentes no limite de suas capacidades. Não negaram nada a mim, a não ser aquilo que não poderiam dar. Sempre me amaram ao seu modo, por mais que as vezes parecesse mais difícil de entender. Depois de anos, e com certeza a ajuda do Cacá, percebi e entendi o tamanho de seu amor por mim. E do meu lado fica somente a sensação de não conseguir respaldar à altura. Peço desculpas por não parecer ser o melhor filho as vezes, ou de parecer não ligar. Mas saibam que qualquer dúvida de meu amor por vocês seria tão tola quanto as dúvidas que um dia eu possa ter tido. Eu lhes amo de verdade, como sempre lhes digo todas as vezes que ligam ou escrevem. Muito Obrigado por tudo. Falando em amor, agora chega a hora de ser piegas. Brunna, saiba que enquanto escrevo isso o mundo martela em minha cabeça procurando achar palavras que sejam capazes de alguma forma indicar como eu te amo. Sinto que não importa o que diga, serei injusto e insuficiente. Então que eu seja direto. Antes de você eu não sabia para onde minha vida ia, e com certeza me importava menos com isso do que deixava aparentar. Eu apenas vivia em um limbo entre o que sonhava em ser e o que eu havia me tornado. Estava quebrado e incompleto. Conhecer você mudou tudo. Não posso dizer que você me concertou ou que me completa. Isso seria uma mentira. Mas te conhecer e te amar me fez querer ser alguém melhor, completo e concertado. Pois você é incrível, linda e perfeita – em suas imperfeições. Te conhecer não me concertou, mas me fez correr atrás disso, querer e SER uma pessoa melhor, apenas para poder estar ao seu lado e dividir cada segundo precioso da minha vida que eu puder com você. Obrigado por ser a luz da minha vida.

... Mas você sabe que não é a pessoa que mais amo, né? Meu último agradecimento é possivelmente a única pessoa cuja influência é mais simples, apesar de profunda. Agradeço ao meu irmão, Júlio César, por simplesmente existir. Claro que você chegou arruinando muitos de meus planos, mas quem se importa? Diferentemente de todos os outros exemplos onde posso achar momentos em que descubro o quanto valorosa foi a contribuição dessas pessoas em minha vida, com você acho nenhum. É como se você fosse inútil em minha vida, haha. Mas isto é parte da beleza da coisa, eu acho. Eu simplesmente te amo, sem motivos ou razões. Simplesmente te amo, meu irmão.

2. APRESENTAÇÃO

O atual trabalho se dedica à estudar a Guerra. Mais precisamente uma Operação de Guerra no cenário diverso da Segunda Guerra. O objetivo desta análise não é saciar qualquer prazer mórbido de observar o máximo do sofrimento humano. Muito menos este trabalho procura justificar qualquer esforço de violência, que por sua natureza se torna injustificável a um nível humanista. É compreender. O objetivo é compreender a Guerra, a violência que a acompanha e move, e apontar suas causas e racionalizações. É remontar a bomba que fora explodida na Europa e no Globo, com o único sentido de conhecer seus mecanismos, suas nuances, seus detalhes. Pois o mundo é instável e a história ainda não acabou, e mudanças ainda continuam a se seguir. Pois mais bombas ainda estão armadas, e continuam a serem armadas por todo o globo. O atual trabalho procura fornecer mais uma reflexão em como desarmá-las.

Sua estrutura é clara. No primeiro capítulo procuramos desenvolver uma base teórica para entender o objeto. Inicialmente o foco se reside no mais concreto deste: A Guerra. Por isso foi decidido procurar fontes essencialmente militares para entender o que determina e forma a Guerra. Algumas dessas reflexões dão sustentação para pontos posteriores, especialmente a compreensão militar de espaço para Clausewitz e os que o seguiram. Após esta análise, falamos de Geografia Política. Pois, após entender a natureza mais concreta do objeto, partimos para um esforço mais abstrato de entender as maquinações e engrenagens que deram base para sua concepção. A evolução de uma Geopolítica, que teria uma Geografia Política como anteparo, se maquina entre atores históricos e acadêmicos. Falamos da história desta ciência, e da percepção alemã desta, além de procurar articular muitos dos conceitos debatidos em uma só base de análise sólida. Nossa última parte deste capítulo se dedica a uma exacerbação da discussão anterior ao procurar as razões desta maquinação no seio da história da nação Alemã, sem nunca procurar justificá-la.

O segundo capítulo trata do objeto em si. Tratamos então dos momentos preparatórios à Invasão nazista. O planejamento estratégico em suas nuances políticas, mais do que militares, e seus grandes objetivos. Evidentemente que seu desenvolvimento através da Rússia Branca, com seus êxitos e principalmente suas grandes dificuldades e fracassos. Tomamos grande nota para algumas escolhas estratégicas chave para a continuidade da Operação Barbarossa e de toda a Segunda Guerra Mundial, procurando evitar ao máximo a tentação dos “E se..” que o objeto frequentemente permite levantar. Por fim, narramos o feliz fim da operação, com uma derrota nazista decisiva, porém de gosto amargo. Claramente a Guerra não termina em dezembro de 1941.

O terceiro capítulo procura então amarrar os argumentos em uma análise que procura ser clara em seu entendimento sobre a natureza dos conflitos, da Guerra, e da Operação Barbarossa. Para além do objeto, acredito que o engendramento deste apresenta elementos de grande valor para uma análise acerca de categorias geográficas, mais notavelmente a do

Território, e acerca do conflito humano – independentemente de sua forma de manifestação. Assim acredito que o trabalho realiza corretamente sua justificativa de ser. Não por ser capaz de desarmar uma bomba que já teria explodido e ceifado a vida de milhões, mas em poder tornar esta dor e sofrimento em conhecimento e lição. E no final das contas, não é esse o grande sentido que a ciência deveria ter?

3. INTRODUÇÃO

No dia 01 de setembro de 1939 às 6h35 da manhã os primeiros canhões da Guerra soaram em Danzig, porto polonês e antiga cidade do império alemão que se convertera em parte do território polaco ao fim da Grande Guerra. A requisição era simples: que a cidade portuária retornasse ao Reich. No dia 03 de setembro o Reino Unido e a França declararam guerra em defesa à Polônia e ao *Status Quo* (DEAR, 1995). Mas porque a Guerra? Porque está? Se formos procurar um verdadeiro início para ela, somos capazes de achar respostas diversas e desencontradas. Pode-se dizer que o conflito se iniciou verdadeiramente em 1914, tendo em mente um grande conflito imperialista com um intervalo de 20 anos ao meio (1919-1939), e sob esta perspectiva o embrião da Guerra já estaria fecundado desde a aurora da era capitalista na Europa. Pode-se falar apenas da ganância de um homem, ou uma nação, com desejos megalomaniacos e ações friamente calculadas em um ardente desejo em disseminar a loucura da cólera racista e a dominação do verdadeiro povo escolhido. Um destino manifesto germânico. Deste modo, a Guerra é Alemã, e seus movimentos e incapacidade de não se render à tentação fascista como resposta de suas amarguras e desejos indicaria um destino marcado ao conflito em massa, ao terror e ao genocídio. Assim, talvez a Guerra tenha se iniciado em Janeiro de 1933 com o fim da República de Weimar e a ascensão do Chanceler e futuro Führer, Hitler. Talvez a Guerra seja realmente alemã, mas não algo que os alemães fazem, mas que aconteceu a eles. Uma nação unida e forte, que sempre soube se erguer no cenário europeu, mas que frequentemente viu-se restringido pela ação de outros atores egoístas e dominadores. Uma nação que não procurava hegemonia, mas só o seu direito à prosperidade, e que para tanto se preparou sempre para o conflito, levando à risca o antigo ditado latino “*Si vis pacem, para bellum*”¹. Talvez assim está começou com o Tratado de Versalhes em 1919, que deu fim à Primeira Guerra Mundial. Poderia me estender em diversas interpretações, algumas bem sólidas e outras mais mirabulosas. O fato que antes de entender a origem do conflito, e consequentemente os seus fins, é necessário entender a Guerra.

A Guerra, em seu sentido mais genérico e básico, é um conflito. Quente ou frio, sensível ou latente, à ferro e fogo ou social, no material ou das ideias. Certas linhas teóricas trabalham que estes constituem o motor do próprio processo histórico. A guerra é um conflito, onde interesses se opõem, e estes interesses se convertem em objetivos dentro do conflito, que necessitam de meios para serem alcançados. A leitura estratégica, ou mesmo geoestratégica, do

¹ “Se deseja paz, prepare-se para a guerra”

conflito permite a leitura dos interesses e assim a leitura do conflito e dos lados de um conflito.

Primeiramente acredito que é auxiliar dar minha visão sobre a questão inicial deste trabalho acerca do motivo da Segunda Guerra Mundial. Entendo de que esta guerra foi principalmente um conflito intrasistêmico capitalista entre forças emergentes e forças do *Status Quo*, tomando traços imperialistas claros e assim tomando emprestado um pouco a teoria Lenista sobre o conflito (RAPOPORT, 1979). Deste modo, pela diplomacia e pela força, a Alemanha procurou novamente alçar-se em posição de destaque no cenário capitalista mundial, indo de encontro ao interesse de outras forças já estabelecidas. A Guerra nasce no momento onde estas forças não mais aceitam os avanços Alemães e percebem que, naquela mesma aritmética sombria, ir as armas é a opção mais favorável a seus interesses. Assim, minha resposta sobre a data de início do conflito seria o dia 03 de Setembro de 1939, dia em que a França e o Reino Unido declararam Guerra à Alemanha Nazista, que seguia em seu terceiro dia invadindo a Polônia. Não entenda isso, de nenhuma forma, como uma forma de retirar do Estado nazista sua culpa. Muito pelo contrário.

Assim, se o conflito é majoritariamente uma busca por reordenar o sistema mundial de poder, é natural imaginar que a sociedade que nasce em seu leito também seja uma sociedade “inimiga”. Remanescentes ideológicos destas se tornariam combustível na flama da dissidência desta nova ordem, que por mais que fosse estabelecida a força continua dos grandes aparelhos militares e estatais, sempre poderia se ressurgir e dar uma vazão quase eterna a um conflito extremamente dispendioso. Esta dissidência não é aceitável, portanto esta sociedade também não. Esta visão de mundo não pode ser passível de coexistir com um sistema geopolítico diferenciado. Assim, tanto as sociedades do *Status Quo* quanto a sociedade soviética, de projeto socialista, se portam como inimigas plenas deste modelo, assim como a sociedade soviética era inimiga da capitalista ocidental pós-guerra, lideradas pelos Estados Unidos. Enquanto o objetivo de expansão territorial é subentendido como primário, a dissidência sistêmica capitalista e a luta por hegemonias imperialistas dá uma tônica diferenciada à natureza do conflito.

Meu objeto é bem restrito. Estudo neste trabalho a Operação Barbarossa nazista contra a União Soviética. O nome não é por acaso. Barbarossa teria sido o idealizador no primeiro Reich alemão, o Sacro-Império Romano Germânico, ainda na Idade Média. Sua importância na formação da identidade alemã, além de sua organização política, é inestimável. Seu valor simbólico nesta operação enunciaria as pretensões dadas no acaso de seu êxito. O golpe final deste terceiro Reich alemão, finalmente conquistando aquilo que sua liderança acreditava ser seu por direito. Seu espaço vital e segurança. Sua proeminência nos assuntos continentais

eurasiáticos e mesmo globais.

Esta Operação se iniciaria em 22 de junho de 1941 com ataques surpresa às forças do Exército Vermelho e às lideranças comunistas em Moscou (DEAR, 1995). O fim de seu recorte se dá no, feliz, fracasso da Operação Júpiter – um desdobramento da Operação Barbarossa – em 5 de Dezembro de 1941, portanto cinco meses e quatorze dias após seu início. Um pouco mais do que os três meses planejados. O recorte espacial tomaria toda a porção europeia da União Soviética, de duas novas fronteiras a Oeste até os Urais – apesar de ter outras linhas auxiliares determinadas, como veremos no decorrer do trabalho. Mas mais especialmente, nosso recorte é social. Duas sociedades que se colocaram, com este desejo ou não, ao mais inaceitável dos esforços humanos – e o maior deles segundo o General americano George Patton: A Guerra (BERTONHA, 2011).

O interesse do autor não é reviver esses atos horríveis, mas sim observá-los objetivamente sob uma lente analítica, procurando deste retirar respostas sobre como as sociedades se organizam no seu sentido onírico e concreto além de, obviamente, no sentido das relações de poder – internas e externas – e conformação territorial. Observando uma tentativa de desfazer o tecido social de uma sociedade, espero ser capaz de observar seus componentes, e então ter bases para discutir algumas de suas formas de se compor e organizar. Além de procurar elucidar o que motivaria seres racionais a se jogarem na barbárie e destruição industrializada que foi este conflito, o pior de todos da história.

4. BASE TEÓRICA

4.1. Uma introdução aos dilemas de uma Teoria da Guerra

A Guerra pode ser um esforço barbárico de ação sanguinolenta e deplorável, mas dificilmente pode ser considerada irracional, ao menos dentro de sua própria racionalidade. E é histórico o esforço intelectual para sistematizá-la em um conhecimento. Surge a questão: Seria este conhecimento uma ciência ou uma arte? Clausewitz, ao refazer a historicidade desta sistematização no seio da cultura Europeia, apontaria o limite de ambos raciocínios. A Guerra, ao menos a convencional, se faz por meios físicos – como homens, bases, armas, suprimentos, a geometria do material no espaço – e como tanto, permitiria um esforço “Positivo” de racionalização (CLAUSEWITZ, 1979). Porém, o “filósofo da guerra” teria prescrito que enquanto analiticamente relevantes, esses conhecimentos procurariam uma espécie de certeza que não existe no esforço de Guerra. “Somente a parte analítica destas tentativas de teoria constituem um progresso no domínio da verdade; a sua parte sintética, as suas prescrições e suas regras são completamente inutilizáveis” (CLAUSEWITZ, 1979).

A influência de forças imateriais é essencial para a análise. Clausewitz chega a citar forças tanto morais quanto espirituais – nos dando nota do contexto histórico do notável general Prussiano. Além disso, há o “gênio” do intelectual que conduz esses esforços. E neste momento há algo similar a uma arte: “A pintura e a arquitetura sabem exatamente em que se apoiar enquanto têm a ver exclusivamente com a matéria da sua arte; tão-pouco há desacordo no que se refere à construção mecânica ou óptica.” (CLAUSEWITZ, 1979). E talvez deste exemplo surja a melhor analogia aos esforço de guerra – a arquitetura como um amalgama entre a arte que tange ao intelectual, moral e até quem sabe o espiritual, e à engendração da engenharia que sustenta esses elementos.

“Mas, quando se consideram os efeitos que suas criações exercem no espírito, logo que se trate de provocar impressões ou sentimentos morais ou intelectuais, todo complexo de regras e leis se dilui em ideias vagas” (CLAUSEWITZ, 1979).

Clausewitz aponta três elementos que determinariam este caráter “vago” para um esforço de Positivização para uma teoria da guerra:

1. As forças morais: Sendo a guerra essencialmente o desencadeamento de ações violentas, a Hostilidade da ação provoca reações morais aos indivíduos que a praticam. A intenção hostil pode encontrar uma reciprocidade pautada em uma história de confronto

– como por exemplo é o caso em diversos conflitos entre nações e etnias – ou mesmo causar uma elevação insuportável de uma “sensação de perigo” que poderia se concretizar no que se entenderia como “covardia” – ou uma tolerância maior resultando na “coragem”. Portanto, fica evidente um elemento de virtual impossível positivação e quantificação no seio do esforço de entender a guerra (CLAUSEWITZ, 1979).

2. A rapidez de ação: Se mesmo que uma reação a um ato violento fosse puramente racional e não tomasse esta primeira dimensão como fato, ainda restaria a dificuldade em compreender os diversos tempos de reação à atos de violência oriundos de todos os elementos de um grupo de “guerreiros” (CLAUSEWITZ, 1979).

3. A plena incerteza: Esses elementos se fundem no incerto sobre o inimigo, tornando-o ao mínimo igualmente tão incerto quanto suas forças. Ao se considerar a falta de visibilidade da guerra, o chamado *fog of war*², é evidente que as ações não podem serem caracterizadas de forma geometricamente determinadas. “A falta de visibilidade que esta fraca iluminação traz consigo tem de ser compensada pelo talento da adivinhação, ou tem de se deixar abandonar à sorte” (CLAUSEWITZ, 1979).

Deste modo, uma teoria positiva é impossível. O que não inviabiliza uma teoria, claramente. Ou uma sequência destas – que por sinal abarcaria diferentes métodos de realizar a guerra, dependentes de diversos interesses. Para os esforços do atual trabalho, nos pautaremos somente na base desenvolvida por Clausewitz, além de extrapolações para o recorte temporal do objeto deste trabalho. São alguns os principais conceitos que devemos desenvolver a fim de melhor utilizar o escrito por Clausewitz para nos auxiliar na compreensão de nosso Objeto:

4.1.1. A Natureza da guerra, a Guerra Absoluta e a Guerra Total.

“A Guerra não é outra coisa senão a *continuação da política de Estado por outros meios*.” (CLAUSEWITZ, 1979).

Impossível não iniciar uma discussão acerca da visão de Clausewitz sobre a guerra sem sua citação mais celebre. Haveria realmente forma mais sintética de definir a guerra? Tomando uma liberdade indevida, diria que não há definição mais clara e fecunda. Porém sua definição não se resumiria somente à uma curta frase, ou afinal o esforço de ler um extenso trabalho sobre

² Uma expressão usual nos meios militares que indicam a falta de visibilidade enquanto aos recursos inimigos.

a guerra datado do início do século XIX seria puramente vão. Algumas distinções e desenvolvimentos deste argumento central são necessárias.

Clausewitz argumenta que a Guerra é um “instrumento racional de política nacional” (CLAUSEWITZ, 1979), pensando nela como um meio instrumental à nação, vista como uma entidade quase individualizada sem nenhuma espécie de cisão interna, à alcançar um patamar mais elevado ao anterior, sempre de forma plenamente racional, avaliando todos os custos e lucros possíveis e tomando decisões baseadas plenamente nesta aritmética sombria. Neste sentido, a “moderação na guerra é um absurdo” (CLAUSEWITZ, 1979).

“A guerra é pois um acto de violência destinado a forçar o adversário a submeter-se à nossa vontade” (CLAUSEWITZ, 1979). A violência então é apresentada como instrumento político em um duelo entre forças que procuram exercer uma influência sobre o outro – no caso de nossos objetos, Estados-Nação da primeira metade do século XX – a fim de forçá-lo a realizar um ato que este não desejava – podendo claramente este ser a sua dissolução. Portanto o objetivo da guerra NÃO é o domínio. Sim a subjugação à “vontade nossa” (CLAUSEWITZ, 1979)³.

O autor determina que o uso irrestrito da violência é essencial para o mais rápido abatimento do conflito, e que uma visão “filantrópica”, por mais desejável que seja, não teria espaço na prática e teoria da guerra. A brutalidade da ação dos exércitos se desenha como a o uso pleno de uma capacidade de “ditar a sua lei ao adversário” e assim sendo, a moderação teria um caráter impeditivo na realização dos objetivos finais (CLAUSEWITZ, 1979). O mesmo teria dito:

“Num assunto tão perigoso como é a guerra, os erros devido à bondade da alma são precisamente a pior das coisas. [...] Aquele que se utiliza sem piedade desta força e não recua perante nenhuma efusão de sangue ganhará vantagem sobre o seu adversário se este não agir da mesma forma” (CLAUSEWITZ, 1979).

Ou mesmo que “Não seria possível introduzir um princípio moderador na própria filosofia da guerra sem cometer um absurdo.”. Seria esta visão de “Uso ilimitado da força” que pautaria sua construção acerca da “Guerra Absoluta”. Clausewitz designa este conceito como um estado de conflito onde as partes militares estão completamente livres de objeções morais e éticas no trato do embate para realizar os objetivos necessários à nação, pois a própria falta

³ Mais à frente iremos discutir mais profundamente as diferenças entre formas de poder, influência e mesmo o valor da violência para esta dinâmica. Ao momento, nosso foco é outro.

ou incapacidade de se realizar tais feitos monstruosos, quando necessário, é uma própria afronta à nação, no sentido ético e moral (CLAUSEWITZ, 1979).

É na Segunda Guerra que vemos o conceito Clausewitziano de “Guerra Absoluta” ser levada à sua potência máxima na chamada “Guerra Total”. A o uso da violência irrestrito sai do contexto plenamente militar colocado por Clausewitz para entrar no campo civil elevando este conflito para todas as esferas da sociedade – em uma ação de *amplitude* plena e *grau* de força irrestrito (BACHRACH e BARATZ, 1983), pensando nos termos que serão adotados e vistos futuramente na discussão acerca de poder (Porção 3.2.1) – se valendo até mesmo da doutrinação em massa, dos massacres humanos e da propaganda. Não somente aparelhos estatais estão em luta como as próprias sociedades, e o objetivo final a vitória Total, ou o fim daquelas sociedades. É extremamente elucidativa a fala de Goebbels em seu famoso discurso de 1943, que viera logo após a derrota alemã em Stalingrado:

“Total war is the demand of the hour. We must put an end to the bourgeois attitude that we have also seen in this war: Wash my back, but don’t get me wet! (Every sentence is met with growing applause and agreement.) The danger facing us is enormous. The efforts we take to meet it must be just as enormous. The time has come to remove the kid gloves and use our fists. (A cry of elemental agreement rises. Chants from the galleries and seats testify to the full approval of the crowd.) We can no longer make only partial and careless use of the war potential at home and in the significant parts of Europe that we control. We must use our full resources, as quickly and thoroughly as it is organizationally and practically possible. Unnecessary concern is wholly out of place. The future of Europe hangs on our success in the East. We are ready to defend it. (GERMAN PROPAGANDA ARCHIVE - CALVIN COLLEGE, 1998)”

Enquanto a Estratégia adotada seria esta, a tática ganha contornos hollywoodianos com seu nome chamativo e propagandístico. A *Blitzkrieg* é um termo que nasce a partir da combinação de duas palavras alemãs. *Blitz* que significaria Raio, e *Krieg* que significaria Guerra. A Guerra Relâmpago. Sua definição maior estaria na velocidade de ação e uso da violência, a mecanização das forças em terra e ar, que seriam utilizadas de modo orgânico e unificado, feito uma grande orquestra da morte regida pelo Alto Comando Nazista. A realização desta tática foi claramente observada desde as primeiras horas de embate na Polônia, mas muito de sua intencionalidade como doutrina estruturada tem sido questionada por pensadores recentes. Historiadores Militares como Karl-Heinz Frieser (FRIESER, 2005) e NEWLAND (2004) indicaram uma reparação ao mito da *Blitzkrieg*. Se não estariam tão amplamente fornecidos de meios mecanizados para a ação de guerra em movimento rápido, muitas vezes dependendo ainda de milhares de cavalos para movimentações de tropas e logística, ainda podemos indicar a força da concentração de meios em centros de gravidade, sejam blindados de força aérea para ação tática sobre os inimigos e também de artilharia. Esta ação violenta, e

coordenada, se alinha perfeitamente com a violência plena, ampla e irrestrita da Guerra Total alemã, formando uma falange de terror que ambicionaria a destruição plenas das sociedades opostas, e a plena aquiescência de seus povos à vontade nazista.

4.1.2. A Ciência e Arte da Guerra, além da Estratégia e Tática.

Ao retrair uma dicotomia entre escalas de atividade da Guerra – em referência à Hierarquia militar – e a natureza dos esforços morais, indo de menos intelectuais e mais de bravura para os ranqueamentos mais baixos, para o oposto à medida que se sobe na hierarquia, o autor pesquisado também cria uma outra tensão entre a materialidade e intelectualidade da ação tática e estratégica. Para Clausewitz, a tática – a ação aproximada, em maior escala – por depender menos de demandas intelectuais e mais de materiais e uma “simples” coesão moral entre comandados estaria em posição privilegiada para uma positividade de sua compreensão. Em contrapartida a dimensão Estratégica – a decisão menos aproximada, em menor escala – teria um caráter menos preciso justamente por depender mais do “gênio” do comandante designado. A Tática seria o concreto armado do arquiteto, enquanto a Estratégia o lápis, ou como ele teria escrito: “A tática é pois a teoria relativa à utilização das forças armadas no recontro⁴. A estratégia é a teoria relativa à utilização dos recontros ao serviço da Guerra” (CLAUSEWITZ, 1979).

Assim, Clausewitz aponta a uma alternativa na formulação de uma doutrina de guerra. A experiência, observação e análise da ação. Seria a aplicação do método científico com respaldo na subjetividade do gênio do comandante que respaldaria a confecção de uma teoria e método para a guerra em sua dimensão aproximada – a da Tática – além de auxiliar na compreensão de sua dimensão Estratégica. Não somente isso, a dicotomia entre Teoria e Prática se dissolveria neste contínuo de investigação científica baseado na experiência e hereditariedade do conhecimento adquirido a partir do anseio dos comandantes em continuar sua formação nestes dois fronts (CLAUSEWITZ, 1979).

“Este ponto de vista abre a via a uma teoria satisfatória da condução da guerra, isto é, a uma teoria útil que nunca entrará em contradição com a realidade, e bastará saber utilizá-la inteligentemente para adotar a prática, e para que a absurda diferença entre teoria e prática desapareça por completo, diferença que foi frequentemente resultado de uma teoria desprovida de bom senso, estranha à razão sensata, mas serviu muitas vezes de pretexto aos espíritos tacanhos e ignorantes para que se entregassem à sua congênita incapacidade.” (CLAUSEWITZ, 1979).

⁴ Recontro seria o termo utilizado para designar o equivalente à conflito, batalha, enfrentamento com uso potencial da violência.

Clausewitz determina que o uso da violência é um Meio para um Fim, essencialmente político. A guerra não se define por ela mesmo, ao menos não na era moderna, mas sim pela dinâmicas política das sociedades e seu instrumentalismo para estas (CLAUSEWITZ, 1979). Invertendo sua mais celebre frase, podemos dizer também que a “Paz é a continuação da Guerra, mas por outros meios” (RAPOPORT, 1979). Assim os fins da política de paz ou de guerra podem se alinhar independente do meio utilizado para tanto (CLAUSEWITZ, 1979). Este Fim se encontra sediado na pequena escala dos grandes generais, e ainda mais das forças políticas dessas sociedades. Se a tática é o concreto armado do esforço de guerra, este é posto pelas massas de guerra, pelos exércitos. Assim, a Estratégia se define como o grande desenho onírico e recheado de signos e mensagens de uma grande obra arquitetônica. Os marcos arquitetônicos no continuo histórico de uma nação, ou qualquer outro grupo, podem significar o redesenho de seus rumos e seu grande fluxo histórico. E se a guerra exerce “nosso” desejo sobre o “outro”, assim também é possível redeterminar o passado, presente e futuro do “outro”.

Apenas para ilustrar esse argumento mais abstrato, imaginemos o valor político-estratégico da vitória decisiva deste sobre a França com o cerco de Paris em 1870-71. Mas adiante este argumento será mais explicado, mas para o futuro Estado alemão este teria sido um ponto nodal em sua história, determinando muitos elementos do que formaria sua noção de nacionalidade. Um objetivo político se desenha como objetivo estratégico de guerra, e movimenta a história de uma nação e do continente.

4.1.3. Espaço, ou algo análogo, para a Teoria de Guerra de Clausewitz

Na teoria de Clausewitz podemos articular, de maneira mais indireta, um conceito de Espaço na Guerra fazendo uso do conceito de “Base de Operações” e “Teatro de Guerra”. Em realidade sua definição segue uma espécie de continuum onde o Teatro de Guerra se constrói a partir do primeiro conceito. Assim, é necessário definir “base de operações” em Clausewitz. Este possui 3 “dimensões”⁵:

1. Pontos de Concentração de meios – Exércitos, locais ou depósitos organizados pelo Estado. Se os esforços de guerra são realizados, estes o são por unidades materiais – sejam de

⁵ “The military perspective, the broadest definition of space was the ‘base of operations ... the local resources, depots at various points, and the area from which supplies are drawn. These [last] three factors are spatially distinct: they cannot be reduced to one’ (CLAUSEWITZ, 1979)” (HANDEL, 1986).

homens e mulheres, sejam de armas e balas, ou de qualquer outro provimento dotado de materialidade com o intuito de exercer violência ao “outro”. Estes possuem uma Localidade física que se representaria como os pontos de um esforço de guerra. São como pontas de uma lança apontada à garganta de um inimigo, ou mesmo o local onde estas se repousam. No sentido menos abstrato, são tanques, depósitos, unidades de combate e coisas afim.

“Since the local resources are scattered unevenly throughout the area in which the army operates, they can neither be concentrated nor represented by a simple abstraction. Depots are trully ‘spacially distinct’ from these local resources, because they can be represented as points and analyzed separately or collectively within the context of terrain and forces available.” (HANDEL, 1986).

2. Linhas de suprimento – e de fluxo de tropas. Estes são os meios por onde os fluxos desta materialidade de guerra se assentam. O esforço de guerra demanda alguma espécie de dinâmica – por mais que o front de batalha as vezes se apresente estático e estanque – e esta dinâmica deve ser alimentada por uma rede logística. Por essência, uma guerra é sempre dependente de uma dinâmica de movimentação de meio materiais – e portanto de linhas de suprimento e fluxo de tropas (HANDEL, 1986).

3. Áreas de provisão/produção de meios. Essencialmente, a área – quiçá região – de onde os recursos materiais do conflito são produzidos e que continuamente abastecem o front. “The area from which supplies are drawn (today we might say ‘the rear’ or ‘the zone of the interior’) is also ‘spatially distinct’, separated from the area occupied by the army by some distance but connected by the lines of communication.” (HANDEL, 1986).

Em um contexto de Estados-nação do século XIX, naturalmente que haveria a total prevalência de uma base produtiva endógena e territorial – em oposição à uma realidade globalizada de hoje, e razoavelmente mundializada nos fluxos produtivos ao contexto da Segunda Guerra Mundial. Porém não seria exagero extrapolar este eixo conceitual à base produtiva exterior ao território nacional – talvez apenas necessitando ainda mais de articulação com as linhas de fluxo de um comércio global, especialmente Naval.

O Teatro de Guerra soma estas concepções ao analisar a área total relacionada no esforço (civil-produtivo) às disposições e fluxos dos meios militares. O Teatro de Guerra seria uma relação espacial no sentido de abarcar a sociedade civil e suas dinâmicas produtivas, em conjunto com o fluir dos meios militares. Ele não somente compreende a base de operações endógena, como à relaciona a um centro de gravidade estratégico exógeno.

“A country and the forces stationed there are divided in such a way that any decision obtained by the main force in a particular theater directly affects the whole and carries everything along with it... [A] theater of war [...] represent the sort of unity in which a *single* center of gravity can be identified. That is the place where the

decision should be reached; a victory at that point is in the fullest sense identical with the theater of operations” (HANDEL, 1986).

Todo conflito tem espacialidade na inter-relação entre esta base produtiva e o fronte, e entre os elementos do fronte entre si. A concretude do teatro de guerra realiza determinações, acarreta possibilidades e abre potencialidades de movimentação militar a partir de sua materialidade. O teatro de guerra tem um centro de gravidade sediado no objetivo político do embate, e situado em uma zona de influência econômica necessária para conquistar o êxito político-militar. Todo teatro de guerra tem uma base espacial – produtiva na retaguarda e um objetivo estratégico para o além da fronteira (HANDEL, 1986).

4.2. Geografia Política, Território e Heartland

4.2.1. Território

Inicia-se em Ratzel (RATZEL, 1983 apud COSTA, 2000) a discussão moderna sobre a definição de território. Não à toa que também se inicia no mesmo autor a discussão moderna daquilo que chamamos hoje de “geografia humana”, ou mesmo “antropogeografia” pra este autor. O Território frequentemente se amparou na relação homem e o espaço físico, natural, no seio do pensamento geográfico. Ratzel já trabalhava em sua Geografia Política com a relação do Estado, organismo social produto de um povo, e o Solo, potencialidade física do recorte espacial em que este Estado se situa. Esta relação conformaria o Estado Territorial (RATZEL, 1983 apud COSTA, 2000):

“O homem, bem como a maior de suas obras, o Estado, não é concebível sem o solo terrestre. Quando nós falamos de Estado, designamos sempre, exatamente como no caso de uma cidade ou uma estrada, uma fração de humanidade ou uma obra humana e, ao mesmo tempo, uma superfície terrestre.”

Ou como colocaria COSTA (2000):

“É fundamental, portanto, resgatar esse detalhe do pensamento do autor, isto é, de que a sua ideia de Estado como organismo está baseada antes de tudo nesse caráter de agente articulador entre povo e o solo. Dessa articulação, diz ele, participam o povo com seu ‘espírito’, cultura e, sobretudo, com seu ‘sentimento territorial’ obtido na sua ligação permanente com o solo, região ou país; e o solo, um invariante, um elemento de permanência face ao Estado, que é transitório”.

Para Ratzel o Estado é central para a definição do território, visto que seria neste pivô de ação que o homem e a natureza se inter-relacionam. Território e Estado são dois elementos indissociáveis. Além da relação homem-natureza, também é da relação homem-homem que há a gênese do Estado Territorial. O Estado seria um *organismo social*, mas encontraria o limite de sua analogia biológica (formação de origem de Ratzel), quando se proporia a articular o “espírito” de um povo que, como toda aglomeração humana, teria uma natureza fragmentária e conflitiva. (COSTA, 2000) Este ponto é importante ao dar suporte à colocação da necessidade de se existir um estado forte, centralizado, verticalizador de sua sociedade em nome da mesma e de seus valores comuns.

O pensamento Ratzeliano foi notoriamente ligado às necessidades de um embrião de estado alemão unificado, servindo lhe como discurso avalizador. Este pensamento também marcou fortemente a visão deste ramo do pensamento geográfico ao se tornar ponto base para as discussões, seja concordando ou negando suas colocações. “É provável que decorra daí a impressão de C. Raffestin de que, no fundo, toda geografia política que se produziu até os últimos tempos [...] foi profundamente marcada pelo seu pensamento” (COSTA, 2000).

Porém, apesar de sua relevância histórica, principalmente em futuros desenvolvimentos acerca da nacionalidade alemã e sua geopolítica, a principal base teórica para a produção do atual trabalho se assenta em outro autor. SOUZA (2009) aponta o Território como “um *espaço* definido e delimitado por e a partir das relações de *poder*” entendendo poder como um conceito habilitado a tomar diversas formas além da dominação clássica dos Estados, e espaço como produto social⁶.

Citando o autor novamente:

“Sem dúvida, sempre que houver homens em interação com um espaço, primeiramente transformando a natureza (espaço natural) através do trabalho, e depois criando continuamente valor ao modificar e retrabalhar o espaço social, estar-se-á também diante de um território, e não só de um espaço econômico: é inconcebível que um espaço que tenha sido alvo de valorização pelo trabalho possa deixar de estar territorialidade por alguém. Assim como o poder é onipresente nas relações sociais, o território está, outrossim, presente em toda a espacialidade social – *ao menos enquanto o homem também estiver presente.*” (SOUZA, 2009).

A territorialidade que constitui toda forma de território seria as “relações de poder espacialmente delimitadas e operando sobre um substrato referencial”. Este autor procura romper com a visão de uma única forma de poder, baseada na ação violenta dos órgãos de

⁶ Lembrando que tomamos a visão da ciência militar de Clausewitz sobre o espaço como base para a compreensão desta categorial, muito devido à natureza do objeto. Traduzir o argumento do General para termos mais ortodoxos a geografia é possível – e seus autores –, porém demandaria um esforço ao trabalho que superaria o escopo delimitado à um trabalho de graduação individual convencional.

estado. Citando Arendt, SOUZA (2009) provoca ao indicar que o uso da violência seria justamente a linha-fronteira do fim do poder do aparelho de estado sobre os violentados, ao impedir à influência direta, comando, sobre o violentado e lhe açoitar, forçando-o a tomar certa rota de ação. Além disto, também rompe com o mito de uma exclusividade do poder sobre um certo espaço, sem imaginar nenhuma superposição de diversas dimensões de poder de diversos atores, enfraquecendo a tese de que somente haveria uma forma de poder exercido por um ator – O Estado.

Esta visão é extremamente fértil. A análise do conceito de Poder e sua diversidade abririam as portas para uma compreensão múltipla de diversas formas de território, e a compreensão de suas territorialidades permite entender a forma em que o homem – componente básico para qualquer relação de poder - se relaciona consigo no espaço. O objetivo de entender isto seria procurar uma razão de funcionamento sócio-territorial, que seria então auxiliar na compreensão dos fenômenos de territorialização e desterritorialização nos teatros de guerra abordados.

Desviando-se da visão da supracitada ARENDT (1989 apud COSTA, 2009) inicio esta analise nas concepções de WEBER (1991) acerca do que define poder. Para WEBER (1991) a violência é central na concepção de poder e dominação. A potencialidade de represálias garante uma capacidade de influência cabal aos indivíduos e estruturas que a possuem sobre outros iguais que então escolhem rotas de ação que não condizem com seus interesses. Mais do que isso, é esta violência que estabelece um outro regime de poder – o domínio. Este seria a “possibilidade de impor ao comportamento de terceiros a vontade própria” (WEBER, 2001). Diferentemente da influência, o mando do Domínio seria absoluto:

“Por ‘dominação’ compreendemos, então, aqui, uma situação de fato, em que uma vontade manifesta (‘mandado’) do ‘dominador’ ou dos ‘dominadores’ quer influenciar as ações de outras pessoas (do ‘dominado’ ou dos ‘dominados’), e de fato influência de tal modo que estas ações, num grau socialmente relevante, se realizam como se os dominados tivessem feito do próprio conteúdo do mandato a máxima de suas ações (‘obediência’).” (WEBER, 2001)

Esta seria uma forma de poder claramente centrada na figura da autoridade estatal sobre uma sociedade dominada. A dominação segundo WEBER (2001) se vincula umbilicalmente à “administração” (e suas estruturas administrativas), pois a própria administração “precisa, de alguma forma, de dominação, pois para dirigi-la, é mister que certos poderes de mando se encontrem nas mãos de alguém” (WEBER, 2001). Ainda mais: “[...] A estrutura de uma dominação recebe seu caráter sociológico da natureza geral da relação entre o senhor ou os senhores e seu aparato, e entre estes dois e os dominados, e, além disso, de seus princípios

específicos de ‘organização’, isto é, de distribuição dos poderes de mando.” (WEBER, 2001). Fica evidente a ligação desta visão com o pensamento clássico da Geografia Política.

BACHRACH e BARATZ (1983) argumentam que o poder não pode ser definido como posse simples, pois toda forma de poder é essencialmente relacional. Assim, somente há relação de poder em situações onde um indivíduo (A) de interesse diferente à outro (B) consegue que este “se curve” aos interesses do primeiro (A). Importante notar que “Se B não se submete, as intenções de A ou se tornarão letra morta, ou serão executadas através do exercício antes da *força* do que do poder” (BACHRACH e BARATZ, 1983). Esta distinção é significativa, pois indica que o uso da violência imediatamente anularia a relação de poder – lembrando as considerações de SOUZA (2009) ao citar Arendt. Mas isto não anularia o fato de que

“uma relação de poder só existe se uma das partes pode ameaçar aplicação de sanções: o poder é ‘o processo pelo qual se afetam os modos de agir de outrem com auxílio de ameaça de severas restrições, contra a não-conformidade com os propósitos pretendidos’” (BACHRACH e BARATZ, 1983).

Em suma:

“Existe uma relação de poder quando (a) existe entre A e B um conflito sobre valores ou cursos de ação; (b) B aquiesce aos desejos de A e (c) ele assim procede por temer que A o prive de algum valor ou valores, que ele, B, coloca em posição mais alta que aqueles que seriam alcançados através da não-aquiescência.” (BACHRACH e BARATZ, 1983)

Os autores estabelecem limites para esta dimensão do poder, ao indicar a existência do que eles chamam de “amplitude” e “grau” dos poderes. O primeiro se resumiria a “extensão de temas” em que o poder tem amparo, enquanto o segundo estaria relacionado à “profundidade” deste poder. Utilizando os exemplos dos autores, “[...] o poder do presidente da comissão orçamentária do Congresso nos EUA limita-se principalmente à assuntos fiscais; mas dentro de tal âmbito, ele exerce poder [...] que afeta vasto número de pessoas – até e, as vezes, inclusive, o Presidente da República” (BACHRACH e BARATZ, 1983).

Por fim, os autores se concentram naquilo que chamam de “não-decisões” ou a segunda dimensão do poder. Por exemplo, se mesmo que B sempre decida tomar seu curso de ação de acordo aos interesses de A, ainda resta a possibilidade de que A modele “suas exigências em relação a B, segundo dimensões que ele julga [que] serão aceitas por B” (BACHRACH e BARATZ, 1983). Somente observar as decisões não seria portanto a forma correta de se observar o poder. É limitado pensar em um modelo que não se presta a considerar “o fato de que o poder pode ser, e frequentemente o é, exercido por meio da limitação de elaboração de

decisões a questões relativamente ‘seguras’” (BACHRACH e BARATZ, 1983). Esta dimensão analisaria a confecção de valores políticos, sociais, culturais e das práticas institucionais capazes de limitar o âmbito (seja em amplitude ou grau) de qualquer processo político, garantindo a estabilidade de cursos de ação na sociedade. Deste modo não haveria o furto da análise em identificar elementos sociais capazes de impedir a construção de pautas de discussão e decisão de conflitos de interesse estabelecidos entre as partes, exercendo uma forma de coação social capaz de garantir a aquiescência política. Esta dimensão se relaciona na discussão territorial, especifica ao objeto, ao indicar a capacidade de atores políticos constituírem valores e ordenamentos cujo viés procura garantir a “vitória” perpétua de seus interesses, incapacitando a luta política. (BACHRACH e BARATZ, 1983)

Território é visto e adotado neste estudo como uma relação de *poder* – independentemente de sua amplitude e grau, influência ou domínio, claras decisões ou não – exercido através da potencialidade e exercício da violência sobre os *teatros de guerra*. Estes teatros teriam como centro de gravidade os pontos estratégicos no território do “outro”, portanto de relevância política à estas sociedades. Porém também teriam sediados em sua base de operações endógenas – em suas três dimensões – os extratos essenciais para uma devida sociedade e um Estado além da realização dos objetivos. O Território surge como um amalgama entre as forças endógenas em sincronia para a realização de uma forma de poder sobre o “outro”, reterritorializando este “espaço do outro” e reconstruindo tanto a sociedade atacante quanto a que defende. O Território é instrumental na desterritorialização do “outro”. Essencialmente, a leitura territorial do “outro” permite sua destruição e a aceitação de “nossas leis”. O engendramento territorial do “interno” é o que possibilita esta ação. Esta relação de poder permitiria “fazer nossa vontade” se sobrepujar a do outro, como teria dito Clausewitz (1987) e Weber (2001). Assim a Guerra exerce sua finalidade – de ser um meio para fins políticos.

4.2.2. Centralidade Alemã e Russa no balanço de poder global

Enquanto à importância da centralidade alemã no seio da Europa, invariavelmente se recorre às teorias de Mackinder. E para entender a centralidade de alguns conceitos – como o do Heartland – é necessário caracterizar sua interpretação acerca do verdadeiro caráter da Geografia Política. E esta seria para Mackinder essencialmente uma ciência pragmática, realista, onde o esforço central deveria sempre procurar unificar uma análise objetiva dos elementos empíricos do desenho de equilíbrio do poder e uma ação efetiva dos membros deste

equilíbrio – os Estados-Nação. De um modo quiçá próximo à Clausewitz – que já teria determinado um absurdo para a moderação na guerra, especialmente se restringida por um senso de moralidade – Mackinder teria criticado a “ingenuidade” das elites liberais dos Estados do século XX, ao construírem limitações no – ao contexto de suas políticas internas e externas – para a ação estratégica nacional (MACKINDER, 1904 apud. COSTA, 2000).

Esta Geografia Política – como teoria, porém cada vez mais associado a sua prática, a Geopolítica – teria então que achar no concreto da realidade global seus eixos que sustentariam a ação das sociedades, e no caso do autor, da imperial inglesa. Interessantemente o geógrafo rompe com a ortodoxia inglesa e postularia uma nova centralidade no sistema geopolítico global no que ele definiria como “poder terrestre” (MACKINDER, 1904 apud. COSTA, 2000). Para este, com o fim das expansões imperiais das potências europeias sobre o globo, pois não haveria mais novas localidades a serem “descobertas” pela civilização europeia, iniciara-se uma nova fase para o sistema de equilíbrio de forças global centrado na Europa. Análogo ao sistema anterior à expansão colonial, o sistema medieval europeu estaria caracterizado por ser “fechado”, ou não possuir muitas saídas de expansão que permitisse uma menor tensão no interior da região. Assim, vitórias e derrotas necessariamente exigiriam uma perda de outra potência vizinha ou próxima, com conflitos essencialmente “de soma zero” (MACKINDER, 1904 apud. COSTA, 2000). Porém, ao iniciar-se o que este chamaria de “era colombiana” as tensões internas se enfraqueceriam ao tornar o globo por inteiro o principal palco para a ação geopolítica das forças europeias. Deste modo, ao século XX e o fim das expansões, a tensão voltaria a tomar os contornos do sistema medieval, tendo como principal exceção o fato de engolirem todo o planeta Terra. Assim, a potencialidade marítima das nações perderia parte de seu peso e centralidade no sistema de poder global, ao não mais se tornar a principal base de expansão para as bases materiais de reprodução dessas sociedades. O conflito agora estaria nas terras já conquistadas e divididas (MACKINDER, 1904 apud. COSTA, 2000).

Consequentemente, Mackinder vira seus olhos para a Ásia. Primeiramente pois esta seria uma região de importância impar para a formação histórica da dinâmica de poder Europeia ou como este colocaria:

“Peço portanto, que por um momento vejam a Europa e a história europeia como subordinadas à Ásia e à história asiática, porque a civilização europeia é num sentido muito real, o produto da luta secular contra a invasão asiática (MACKINDER, 1904)

E em um segundo ponto, possivelmente mais relevante ainda, o fato deste ser o continente com maior proporção das terras emersas do globo. E neste quesito haveria a extrema

relevância a extensão do domínio territorial Russo. Na visão de Mackinder, o pivô da discussão entre a superioridade Marítima ou Terrestre decorre do que ele determina de “capacidade de mobilidade” (MACKINDER, 1904 apud. COSTA, 2000). É possível entender que a velocidade e força dos fluxos de bases produtivas tomariam centralidade para a garantia de produção e portanto para a capacidade de manter uma força de violência ativa capaz de realizar devidamente o esforço de guerra e assim exercer sua influência sobre o globo. Ao citar as inovações tecnológicas para a redes de transporte terrestre, mais notavelmente as ferrovias, o conflito inverte a superioridade dada à Maritimidade. No caso Russo, ainda a atuação quase que pioneira – tomando a imagem de uma expansão realizada pelos cossacos – de unificação dos territórios da Sibéria ao Leste e a formação de uma extensa rede ferroviária, incluindo uma transcontinental de Moscou à Vladivostok (MACKINDER, 1904 apud. COSTA, 2000).

Mackinder então inicia um esforço de determinação precisa de algo que viria a ser conhecido de Heartland – inicialmente se articulando como “área pivô” – da maior massa continental contígua do planeta, o continente Eurásico:

“Tem existido e existem nessa zona as condições de uma mobilidade de poder militar e econômico que tem um caráter transcendente e, sem dúvida, ilimitado. A Rússia repõe o Império Mongol. [...] *Ocupa no mundo a mesma posição estratégica central que ocupa a Alemanha na Europa*. Pode atacar por todos os lados e pode também ser atacada por todos os lados, exceto o norte. O completo desenvolvimento de sua moderna mobilidade ferroviária é simplesmente uma questão de tempo. Tampouco é provável que uma possível revolução social altere suas relações essenciais com os grandes limites fundamentais de poder”. (MACKINDER, 1904 apud. COSTA, 2000)

Esta disponibilidade de recursos, aliado à acessibilidade terrestre imediata à três áreas circunscritas à este “core” dado – Europa, Oriente Médio e Leste Asiático⁷ – traria ao Império Russo uma proeminência nas questões geopolíticas de extrema força. COSTA (2000) indicaria sobre esta posição que “Ele chega a vislumbrar até mesmo a possibilidade de vir a constituir-se o que chama de um ‘império do mundo’, caso um dia a Rússia viesse a estabelecer uma aliança com a Alemanha”. Claro que esta visão apontaria o Eurocentrismo da posição de Mackinder, visto que ainda teriam duas outras regiões marginais possíveis de serem consideradas (MACKINDER, 1904 apud. COSTA, 2000).

No período pós-Primeira Guerra Mundial Mackinder retornaria a seus estudos para incrementar e desenvolver muitos de seus conceitos aqui delineados⁸. Porém de mais relevante à este trabalho está sua crescente preocupação com a Alemanha. Veria nesta nação uma

⁷ Posteriormente, este teria adicionado a Índia como quarta região de mesma categoria (COSTA, 2010).

⁸ Teria utilizado pela primeira vez o termo “Heartland” em 1919 em sua obra “Democratic Ideals and Reality”.

preocupante pretensão hegemônica sobre as europas central e oriental, interpretando que a visão estratégica das elites germânicas observavam e entendia a relevância do Heartland para sua expansão de poder dentro do grande balanço global. Especialmente observável era esse esforço na Primeira Guerra Mundial, ao notar o caráter germânico da aliança das potências centrais (Impérios Alemão e Austro-Húngaro) em oposição à forças essencialmente Eslavas ao leste – parte até mesmo do que Elias definiria de *habitus* alemão, como será visto na seção posterior. Os povos germânicos, com a centralidade dada na Alemanha, desejavam conquistar o núcleo do poder do Heartland global, e foi devido à isso que potências rivais – Rússia, França e Inglaterra – teriam se colocado a impedir este esforço (MACKINDER, 1942 apud. COSTA, 2000).

4.3. Nacionalidade Alemã e seu Plano Geopolítico

4.3.1. O conceito de *habitus*

Para Elias (1997), o principal autor utilizado nesta seção, o melhor modo de definir o comportamento de um grupo nacional reside no conceito de *habitus* – que segundo Mennel e Dunning, os autores do prefácio da edição inglesa de “Os Alemães”, teria sido usado por Elias “muito antes de sua popularização por Pierre Bourdieu” (ELIAS, 1997). O conceito justificaria seu uso ao se opor à rigidez do conceito de “Caráter Nacional” – muitas vezes adotado como algo fixo e estático no quadro cultural de uma determinada nação. Mais do que isso, o *habitus* possuiria uma maior relevância de um caráter horizontal, ao determina-lo as vezes com uma espécie de “segunda natureza” ou “saber social incorporado” – portanto uma produção social que abarca às dinâmicas verticais e horizontais entre os elementos que compõem uma sociedade.

“‘Os destinos de uma nação ao longo do séculos vem a ficar sedimentados no *habitus* de seus membros individuais’, e daí decorre que o *habitus* muda com o tempo precisamente porque as fortunas e experiências de uma nação ou de seus agrupamentos constituintes) continuam mudando e acumulando-se. O conceito de *habitus* implica um equilíbrio entre continuidade e mudança.” (ELIAS, 1997).

Ao se referenciar à estas dinâmicas verticais, Elias desenvolve atenção especial acerca da relação entre o Estado – e outros processos de desenvolvimento “macro” –, e suas influências no que é determinado como “nível micro”, ou a vivência social dos indivíduos. Manning e Dunning didaticamente reduzem esta interação no prefácio da obra de Elias:

“Em síntese, sua principal proposição diz que: ‘se numa determinada região cresce o poder da autoridade central, se numa área maior ou menor as pessoas são forçadas a viver em paz umas com as outras, a formação de afetos e o padrão do impulso da economia doméstica também são gradualmente mudados’” (ELIAS, 1997)

O *habitus* como conceito então apreende a mobilidade da história e nunca se apresenta de alguma forma centrado em uma modalidade determinista biológica ou geograficamente. São as trocas sociais e de influências dos diversos vetores históricos – que claramente também abarcam à geografia como logo será notado – que produzem um grande senso de direção para a ação dos nacionais (ELIAS, 1997).

4.3.2. A formação do *habitus* alemão

Elias analisa a formação do *habitus* alemão em 3 principais pontos:

1. A localização dos povos de língua germânica, entre outros dois grupos linguísticos – os de base linguística Latina e os de base étnica Eslava – configurou uma realidade de conflito virtualmente perene. Independentemente de qualquer aliança tribal entre os povos germânicos, a constante pressão oriunda de Leste e Oeste – e se lembrarmos de Roma, também ao Sul – teria modulado parte do *habitus* alemão em uma aceitação tácita da realidade conflitiva de sua existência no cenário europeu. Para além disto, teriam também explorado “implacavelmente a mínima oportunidade de expansão que lhe foi oferecida.” (ELIAS, 1997).

No constante conflito de expansão e inevitável recuo destas fronteiras haveria a formação de híbridos e diferenciações periféricas à um centro da língua germânica. Isto somado ao caráter fragmentado das tribos configuraria uma diferenciação e dificuldade em unificar as diferentes tribulações destes povos (ELIAS, 1997). Podemos entender este dinamismo como uma força centrífuga ao processo de expansão germânico, ao mesmo tempo que realizasse uma potencialidade centrípeta. Como Elias designa:

“As fronteiras eram ora empurradas a favor dos grupos ocidentais e orientais, ora a favor do bloco intermédio, germano ou de língua germânica. A transformação de partes do reino franco-germânico no Estado que hoje conhecemos como a França é apenas um bom exemplo da luta entre grupos latinizados e germânicos tanto quanto foi a galiciação da Alsácia-Lorena, centenas de anos mais tarde” (ELIAS, 1997).

O medo e a tensão desta histórica dinâmica centrífuga ajudaria a explicar tanto o constante ímpeto expansionista do *habitus* alemão (até o fim do período hitlerista), quanto a formação de Estados de base ou origem germânicas que mantiveram sua independência de uma Alemanha unificada. “O desenvolvimento da Suíça e Holanda estão entre os mais antigos

exemplos; a criação da República Democrática Alemã é o mais recente” (ELIAS, 1997). Também é possível aferir destas colocações, e mesmo o exemplo dado, que não foge ao *habitus* alemão a compreensão da ruptura e fragmentação territorial como uma possibilidade crível em sua história, especialmente como consequência de seus atos no que tange ao balanço de poder, e seus desbalanços, regional e consequentemente mundial. As forças centrífugas territoriais estão presentes na história alemã.

2. Elias defende que agrupamentos outrora auto definidos como Hegemônicos de alguma forma possuem uma forte resiliência para se desapegar de uma concepção de superioridade - se não mais realizada, então latente e à espera de um retorno eventual e/ou inevitável (ELIAS, 1997). Como ao processo de Luto (KÜBLER-ROSS, 1969), haveria a possibilidade de se negar a perda de hegemonia. Depressão seria a consequência posterior. Esta seria a realidade de Alemanha, ao se confrontar inicialmente com a decadência do poder do Sacro Império Romano, no processo de descentralização do poder deste e continua centralização de poder das outras grandes forças europeias durante a idade média. O Império teria de encarar uma história de conflagrações com povos não-germânicos, vistas como uma espécie de contenção à potenciais projetos hegemônicos. Além disso, haveriam lutas internas por poder, território e pautadas no sectarianismo cristão da época. Esta realidade somente se desfaria com a derrota Austríaca para os Prussianos em 1866, assim tendo o rompimento dos Habsburgos com a Confederação Germânica, “descartaram a inútil concha de retalhos do velho Sacro Império e passaram a identificar-se daí em diante como imperadores da Áustria” (ELIAS, 1997).

Esta dicotomia entre um passado glorioso, porém de desprotegimento, e uma história como palco de guerras sangrentas, como a dos 30 anos que teria tomado a vida de 1/3 da população germânica, criaria um senso de forte insegurança no *habitus* nacional. Em contrapartida à uma história de descentralização e insegurança haveria a tendência à se aceitar uma conduta militar e ações bélicas. Elias fala até mesmo em respeito e idealização deste modelo e ação. Ainda mais por observar o Triunfo Prussiano e sua via militarista contra o Império Austríaco (ELIAS, 1997).

Este sentimento teria um retrocesso com a “derrota de 1918”, porém novamente a idealização do militar, o senso de perda da unidade e centralização forte de um império caído, a sensação de fraqueza pela ocupação militar estrangeira, um novo estado fraco e posteriormente definido como incapaz, além da sensação de humilhação e provação do povo Alemão teria sido o embasamento para a ascensão Nazista (ELIAS, 1997).

A base de sustentação da fraca e humilhada República de Weimar teria sua sustentação nos sociais-democratas e em membros da classe média liberal – que por si incluía numeroso judeus. Esse apoio porém seria cada vez mais restrito. Ao outro lado haveria uma maior parcela das classes médias, além do apoio de classes superiores. Seu projeto previa a rescisão do Tratado de Versalhes “e, em última instância, provocar uma guerra revanchista” (ELIAS, 1997). A dificuldade de mobilização teria uma premeditação de comunicação com uma base comum. A busca incessante era por um indivíduo cuja às “[...] estratégias bélicas e retórica estivessem mais de acordo com as necessidades desses grupos. Assim, deram a Hitler sua chance. Mas quando a situação se tornou crítica, ele os colocou fora de circuito” (ELIAS, 1997).

“De novo acenou a esperança de escapar da sombra de um passado mais grandioso. Vislumbrou-se a realização de um sonho em que, depois do primeiro império medieval, o Sacro Império Romano da Nação Germânica, e depois o Segundo Império (Kaiserreich) criado por Bismarck e destruído com a derrota militar de 1918, um Terceiro Império – o Terceiro Reich – surgiria sob a liderança de Adolf Hitler. Essa esperança também foi esmagada” (ELIAS, 1997).

3. Do ponto de vista histórico, a construção do Estado Alemão, e uma unificação da nação Alemã, foi marcada por diversas rupturas. Elias aponta o fato de parte da descentralização histórica dos povos alemães durante a idade média ter sido parcialmente tributária de uma força urbana, e de suas classes – mais notavelmente a burguesa – cuja influência no *habitus* alemão não se carregaria para futuras construções políticas e sociais. Diferentemente dos Holandeses, de tradição Republicana, não se carregaria a influência e o prestígio dessas camadas sociais, e seus anseios liberais (ELIAS, 1997). Em oposição à esta força, haveria o prestígio das vitórias militares de uma aristocracia que não veria a “horizontalidade” da visão idealista-liberal como aceitável. A “verticalidade” militar, conservadora-nacional, aristocrática se tornaria o mote desta nação nascente. “A vitória dos exércitos alemães sobre a França foi, ao mesmo tempo, uma vitória da nobreza alemã sobre a classe média alemã” (ELIAS, 1997).

Do lado da dirigência alemã, no que Elias chama de “Estado Hohenzollern” em referência à família imperial, há a certeza do triunfo aristocrático-militar sobre qualquer modelo liberal-burguês. Porém, há a compreensão de que haveria a necessidade de se industrializar e mesmo modernizar a base econômica do novo estado. Assim, mesmo como cidadãos de segunda classe, os industriais e os donos de capital adaptaram-se – em traços gerais mas não sem resistências – à realidade e condições impostas (ELIAS, 1997). Mais do que isso “Nessa etapa, vastos círculos da classe média alemã conciliaram-se com o Estado militar e adotaram seus modelos e normas.” (ELIAS, 1997)

Deste modo, no seio desta classe média foi realizado um processo de apropriações sincréticas de valores e ideais historicamente antagônicos aqueles do chamado “período clássico alemão” – Em referência até mesmo aos romances de um jovem Goethe e toda arte próxima. “Isso atesta também a natureza descontínua do desenvolvimento alemão: uma mudança no *habitus* que pode ser atribuída com grande precisão a uma fase do desenvolvimento do Estado” (ELIAS, 1997). Porém devido à uma desconexão com a historicidade da produção e reprodução destes valores, pode-se dizer que a burguesia se apropriou destes de forma simplificada e potencialmente muito mais violenta. Elias denomina de “constrangimento de uma herança civilizadora” os limites da nobreza à seus valores. A burguesia, descontextualizada, traria uma radicalização grosseira desta visão – tendo como exemplo a necessidade durante o regime hitlerista de se provar o caráter “ariano” de um cidadão a partir de documentações acerca de hereditariedade através das gerações – uma referência clara a uma nobilidade, oriunda da Aristocracia. (ELIAS, 1997).

Esta apropriação teria como referência tanto esta herança Aristocrática como uma outra herança do desenvolvimento intelectual burguês. Elias desenvolve uma dicotomia entre o desenvolvimento dos conceitos de “Cultura” e “Civilização” no seio dos séculos XVIII e XIX onde a referência para ambos era sempre a de um valor “processual”, como um desenvolvimento Histórico, onde a *avant garde* encontraria uma definitiva superioridade. (ELIAS, 1997)

“Se na Alemanha se falava em ‘cultura’ (Kultur) [...] tinha-se em mente um quadro de referência geral que levava em conta o desenvolvimento da humanidade ou de determinadas sociedades de um estágio menos para um mais avançado” (ELIAS, 1997).

A motivação desta construção visaria solidificar a noção de uma “História Cultural” da Humanidade, que se oporia à uma retórica “Política” da História pautada no valor das lideranças, classes e até mesmo Estados, fortemente relacionadas à herança Aristocrática de Príncipes e grandes chefes militares.

“Foi decisivo para a posição e auto-imagem das elites da classe média alemã que a tradição da história escrita mais claramente oposta à ‘história política’ ficasse conhecida como ‘história cultural’ (Kulturgeschichte). Focalizou aquelas áreas da vida social dos seres humanos que dotaram as classes médias alemãs politicamente excluídas com a principal base para a sua autolegitimação e para a justificação de seu orgulho – áreas tais como religião, ciência, arquitetura, filosofia e poesia, assim como o processo da moralidade humana[...]” (ELIAS, 1997).

Oras, como foi previamente desenvolvido, com as vitórias nacionais em Paris e a vitória da aristocracia não é grande pulo de imaginação que a partir da derrota burguesa e o início de

um processo sincrético de apropriação de valores aristocráticos que elementos nodais para o desenvolvimento burguês e sua retórica de poder se mantivessem e se cristalizassem no seio de uma nova pauta política.

“Durante o período de sua ascensão, as classes médias de países europeus, tal como outras classes emergentes, tinham sido orientadas para o futuro. Uma vez elevadas à posição de classes dominantes, suas seções de liderança e suas elites intelectuais, à semelhança de outros grupos dirigentes, trocaram o futuro pelo passado a fim de basear neste sua imagem ideal delas próprias”. Agora porém é um novo senso unitário para cultura que se assenta na discussão: O Nacionalismo. “A controvérsia sobre os respectivos méritos da ‘história cultural’ e da ‘história política’ foi um dos muitos sintomas do antagonismo entre os dois grupos rivais da intelligentsia da classe média. Assinalou também o ponto de mutação em seus destinos. Gradualmente, os setores nacionalistas tornaram-se mais fortes; estes últimos, por seu turno, tornaram-se mais nacionalistas; [...]” (ELIAS, 1997).

4.3.3. O *habitus* alemão no contexto Nazista.

Elias (1997) aponta que somente com a República de Weimar que a burguesia e as classes liberais ascendem à uma posição de relevância e centralidade no universo da dirigência do Estado, mas é na “[...] experiência nacional-socialista que, na realidade, puseram fim também a esse remanescente da velha supremacia [aristocrática, no seio dos setores militares e diplomáticos] e assim desferiram o golpe final, sem que fosse talvez sua intenção, na secular luta entre aristocracia e classe média”. Porém, esta era uma verdadeira falsa vitória, visto que mesmo que se renegasse o passado aristocrático neste novo Estado, estava fecundado neste diversos valores morais de verticalidade e superioridade baseados na ancestralidade de uma linhagem de glórias, especialmente militares.

Este nacionalismo que se fortalece institucionalmente a partir da derrocada da aristocracia ao fim da Primeira Guerra mundial não se diferencia em sua essência de qualquer outro nacionalismo europeu, a não ser por seu caráter tardio. Regionalmente este nacionalismo estaria pautado na dirigência burguesa de um industrialismo crescente que teria se apropriado do aparelho estatal já no século XIX. Na Alemanha o comportamento da “crença grupal” do “vinculação e solidariedade” das secções da sociedade teria de possuir um caráter “democrático” – não no sentido político, avisa Elias (1997), mas no sociológico.

“Se as barreiras sociais entre grupos de diferente poder e categoria social são excessivamente altas – como são, por exemplo, em sociedades constituídas pelos três estados, [...] – os sentimentos individuais de vinculação, de solidariedade e de obrigação em relação a uma sociedade-Estado têm um caráter diferente do expresso na forma de um *ethos* nacionalista” (ELIAS, 1997).

Este citado *ethos* nacionalista entenderia não somente a solidariedade à indivíduos específicos em posição de mando, mas também a este conceito de coletividade que é a Nação, que estaria organizado num devido Estado – ou dependendo da nação, assim eventualmente deveria se organizar – mediado por símbolos e signos que estariam recheados de uma carga emocional. Parte deste *ethos* construído e adotado também fazia referência à outra porção dos antigos valores aristocráticos (ELIAS, 1997).

“[...]Ocorreu em outros segmentos da burguesia, [...] a adoção de [...] valores de uma classe com uma forte tradição guerreira e que estava orientada para a política das relações internacionais. Por outras palavras, setores da classe média alemã foram absorvidos pelos estratos superiores da sociedade e adotaram destes o *ethos* guerreiro” (ELIAS, 1997).

O valor militar, a glória do combate, e a conquista que antes eram valores passados hereditariamente no seio de uma classe de elite por sangue e tradição, passaram a ser observados de maneira analítica pela burguesia liberal moderna. A guerra e a violência se converteram em um valor nacional, e um instrumento não somente útil e necessário mas também “bons e esplêndidos instrumentos políticos” (ELIAS, 1997).

A transição do pós-Primeira Guerra Mundial para o Estado Nazista é marcada pela violência. Porém não é somente de violência do interno para o externo que marca este período. Pensando-se no contexto dado de um *habitus* alemão tão nacionalista, belicista e verticalizado em suas relações sociais, e observando o tamanho da derrota do conflito dado, além da formação de uma república inicialmente liberal onde um “um antigo fabricante de arreios foi o sucessor do Kaiser” (ELIAS, 1997) em que a posição superior alemã não somente havia sido questionada como destruída, é de se imaginar que a reação dos grupos que abraçassem este *ethos* aristocrático – por mais que agora fossem majoritariamente formados por classes médias, especialmente estudantes e militares (oficiais e praças) – fosse violenta. Essa reação possuiu, também, um forte caráter antissemita. É extremamente elucidativo a carta de um Tenente para seu Capitão da Freikorps⁹ em 1920:

“Não tendo passado um só dia... sem dirigir minhas atenções para a observação do estado de ânimo corrente da população, vi conformatada a minha opinião de que todos os que se situa acima da ralé anseiam por libertar-se da pocilga em que se encontram, em especial do jugo judaico que se oprime as pessoas, e, o que é do maior significado progressista comparado com o que se observava antes, estão dispostos a participar pessoalmente na iminente obra de libertação! Os brados ‘Morte aos judeus!’, ‘Morte aos traidores do nosso povo!’ ressoam em todos os bancos de tavernas; cartazes e pichações dizem o mesmo por toda a parte. Erzberger é enforcado todas as noites um sem-número de vezes...

⁹ Associações paramilitares voluntárias que absorveram diversos ex-oficiais das forças armadas imperiais, desempregados após a forte redução de seus números como consequência dos acordos de paz.

Dois cavalheiros com todos os seus homens do exército aquartelado localmente vieram dar-nos sua adesão. Espero atrair dois ou mais para a nossa causa.” (ELIAS, 1997)

Porém, na visão destes grupos a culpa não recaía somente sobre os judeus. Muitos eram os “indesejáveis”. E muitos seriam assassinados como Erzberger, um membro do Parlamento que teria sido fuzilado em 26 de agosto de 1920 por ex-oficiais do Estado-maior da Brigada Marinha Ehrhardt da Freikorps – e que depois foram empregados às associações nacionalistas. Membros da classe média com inclinações liberais teriam sido assassinados, o operariado organizado, além de proeminentes comunistas. O nome mais famoso desta lista talvez seja o de Rosa Luxemburgo (ELIAS, 1997).

Assim, no cenário pinta-se mais uma camada de detalhes ao quadro. Não bastasse a relação com o externo, internamente eram vistos como inimigos da nação os liberais e social-democratas traidores da República de Weimar, os Judeus pretensamente culpados pela derrota na Primeira Guerra Mundial e pela derrocada do Reich, os comunistas que ameaçavam o mundo após a revolução Russa – desenvolvendo uma vertente social anti-nacionalista. Além de um operariado angustiado com os desmandos imperiais e resultados terríveis no pós-guerra que antagonizaria os nacionalistas, especialmente após o fracassado putsch de 1920 em Berlim (ELIAS, 1997).

O romance autobiográfico de Ernst von Salomon, *Die Geächteten* (Os proscritos), forneceria um assustador guia para a evolução política dessas massas nacionalistas descontentes:

1. Como primeiro passo, deveria-se ser membro do exército Guilhermino, preferencialmente oficial ou cadete.
2. Seguindo-se, após a derrocada imperial restaria se tornar membro de alguma Freikorps – e aqui o caráter autobiográfico se acentua ao indicar uma provável participação na fracassada campanha expansionista paramilitar do Báltico.
3. Se tornar membro de alguma associação conspiratória e terrorista, contrária à República

E como acentua Elias (1997), um quarto passo seria naturalmente se associar ao Partido Nacional-Socialista. O barbarismo e criminalidade do Estado nazista não seria um acaso, mas sim uma construção histórica.

“Hitler teve êxito onde os líderes dos Freikorps falharam: na destruição total do regime parlamentar de Weimar. Teve êxito, em grande parte, porque se esforçou por mobilizar vastos setores das massas através do uso de propaganda extraparlamentar. Os Freikorps estavam entre os seus mais importantes precursores, preparando-lhe o terreno. Os objetivos deles eram, sob muitos aspectos, idênticos aos de Hitler. Mas, apesar de todo o processo de barbarização por que tinham passado

suas atitudes e mentalidade, eles permaneciam radicados na tradição dos oficiais de elite – a tradição antiga *satisfaktionfähige Gelsellschaft* nobre e burguesa. Hitler, o segundo cabo, rompeu as barreiras elitistas do movimento de oficiais e estudantes e transformou-o num vasto movimento popular sem as restrições elitistas que impediam sua disseminação entre as massas. Ser membro da ‘raça alemã’ abriu a porta a muito mais gente do que a mera pertença à ‘boa’ sociedade nobre e burguesa e, na juventude, ao oficialato ou às associações estudantis.” (ELIAS, 1997).

A Alemanha era um caldeirão de tensões, e restava a este somente um catalisador final para iniciar o processo de ruína para a República. E foi com a crise de 1929 que a última pá de cal teria sido lançada. A economia da República Alemã de então era fortemente atrelada à empréstimos internacionais que teriam sido cortados com o colapso do sistema financeiro global. Deste modo, economia de base estava incapaz de continuar produzindo quaisquer produtos, tendo como consequência os desligamentos em massa de trabalhadores. Os dados oficiais do desemprego nacional apontariam 1,3 milhões de homens e mulheres sem ocupação em setembro de 1929, para um crescimento para 3 milhões em setembro de 1930, e mesmo 6 milhões ao início de 1933 – o que representaria um terço da base de análise (ELIAS, 1997). E mesmo este número possuía agravantes ao observar uma qualidade menos formalizada dos empregos restantes, muitos de caráter temporário. A pressão sobre o governo era gigantesca. Se tornava cada vez mais árduo manter uma rede de apoio aos desempregados com o auxílio-desemprego sendo custeado com os esforços de um número cada vez mais reduzido de trabalhadores empregados. Com a incapacidade de se alcançar consensos políticos neste ambiente, tendo diversos setores da economia e política diversos interesses defendidos sem nenhuma força de arrego, em 1930 ter-se-ia instaurado o primeiro gabinete presidencial à revelia de esforços falhos de unidade política no Parlamento (ELIAS, 1997).

Este gabinete, liderado por Brüning e já arquitetado desde 1929 pelas elites econômicas, Exército e pela burocracia de Estado, teria agido de forma consciente para a deterioração da economia alemã, com o intuito de aumentar as tensões sociais da nação e assim alcançar o êxito na questão das reparações de guerra internacional a qual a República ainda tinha de custear. Este plano alcançaria seus objetivos em 1932, após anos de sofrimento de milhões de alemães – e diversas mobilizações de massa contrárias à república de Weimar. Na cena então surgiria a “carismática” liderança de Hitler que iniciaria um processo de unificação destas vozes de descontentamento até sua ascensão ao poder em janeiro de 1933. Após novas eleições, promessas à grupos de centro e de direita, e o impedimento da participação de parte dos parlamentares social-democratas e todos comunistas, finalmente em 23 de março de 1933 este garantiu a passagem da Lei de plenos poderes, que o permitia passar leis sem a aprovação

parlamentar. Em menos de um ano solidificaria seus poderes totais ao passar uma legislação que desse suporte à um Estado de partido único, e por fim ao agregar o cargo de presidente de Hindenburg à sua morte, em 2 de agosto de 1934. Agora Hitler não seria nem presidente, nem chanceler, mas Führer, comandante-chefe das forças armadas (FULLBROOK, 2012).

4.3.4. Plano Geopolítico

E qual era o projeto geopolítico desta força emanante do seio de um *habitus* alemão tão bipolar e assustado? Com certeza a melhor resposta se encontra nos trabalhos de Haushofer. Porém, primeiramente é necessário abrir um parêntese enquanto à relevância deste no ciclo imediato de decisão nazista. Sua geopolítica tem seu início acadêmico em 1912, com a publicação de seu livro sobre o Japão, seu posicionamento e algumas considerações sobre como a Alemanha deveria se posicionar enquanto à um sistema global de poder – visando não somente a cooperação com este país (do qual ele residia como parte de uma missão diplomática), como também com a Rússia (COSTA, 2010). Mas é durante a Primeira Guerra Mundial que entra em contato com a obra geopolítica de Kjéllen – O Estado Como Forma de Vida. Este autor, em conjunto à Ratzel, formariam a base do modelo teórico de Haushofer (COSTA, 2010).

A produção de Haushofer (HAUSHOFER, 1969 apud COSTA, 2010), por mais contestada que seja em seu caráter científico, apontou a sistematização do conhecimento da Geografia Política em um aparato utilizável pela dirigência política Alemã de sua época, os nazistas. Muito se discute sobre seu posicionamento político e sua aliança, ou não, aos nazistas, porém é claro que independente disto sua obra teve ressonância com muitos dos ditames ideológicos e mesmo práticos do período. Em um exercício de análise dos personagens da história, é muito controversa a profundidade do relacionamento de Haushofer com a dirigência nazista. É conhecida de sua relação com Rudolph Hess, secretário pessoal de Hitler. Foi durante a Primeira Grande Guerra que estes cruzaram caminhos. Após o fim desta, Haushofer – já com cinquenta anos – decidiria por se tornar oficial da Reserva e por ingressar na carreira acadêmica. Suas publicações reverberam tanto na população civil quanto com os militares, e em especial Hess que portanto abria o canal necessário para discussões com Hitler, tanto em 1921 quanto em 1924 – já no cárcere após o fracassado putsch em Munique (COSTA, 2010). Neste momento é possível discutir a possibilidade do pensador ter inspirado diretamente a visão do ditador acerca do conceito de *espaço vital*, uma das principais balizas deste para sua Guerra (COSTA,

2000). Mas é fato que de modo geral a *geopolitik* da época ter influenciado a visão geopolítica do regime daria embasamento à práticas de ação militar nazistas. Aliás, como BOBBIO (2010) disse em seu Dicionário de Política:

“Provavelmente, todos os estudos de Geopolítica sofreram a consequências da má fama que a obra de K. Haushofer suscitou, pois foi o pensamento deste geógrafo e general alemão uma racionalização do expansionismo territorial hitleriano. A Geopolítica de Haushofer, que é unanimemente considerada como aglomerado pseudocientífico de “metafísica geográfica”, economia, antropologia e racismo, pode ser reduzida à afirmação de que a raça alemã é destinada a levar a paz ao mundo através de sua dominação e, portanto, os outros Estados devem assegurar à Alemanha todo o seu espaço vital (*Lebensraum*).”

O modelo teórico de Haushofer possuía um foco especial no seu oposto – a prática. O que este almejava então seria constituir uma espécie de amalgama de “técnicas de aplicação do que era produzido pela geografia” (COSTA, 2010) em questões de ordem política de um Estado, ou especificamente o Estado Alemão (COSTA, 2010). Podemos fazer um belo paralelo entre esta colocação e a de Clausewitz acerca do Estratégico e do Tático – e suas esferas de decisão, o Político e o Militar. Haushofer era, além de um acadêmico, um militar, e como tanto teria suas considerações de um ponto de vista prático, que necessitava menos reflexões epistemológicas e mais de aplicabilidade no concreto, no real. Suas considerações, apesar de teóricas poderiam ser também observadas como uma ordem maior para a reflexão prática militar, em sintonia com o que Clausewitz observava em seus escritos sobre uma ciência da guerra. Seria então a geopolítica de Haushofer mais uma ciência militar do que geografia política? Esta questão que levanto eu acredito não poder responder neste trabalho, porém suscitar o debate é relevante ao considerar onde posicionar o trabalho deste.

Este autor extrapola algumas considerações de Ratzel ao colocar que “O espaço rege a história da humanidade” e aponta o sinistro ao dizer que “Só uma nação cujo espaço se *ajusta* às suas necessidades, tanto espirituais quanto materiais, pode ter esperança de alcançar verdadeira grandeza” (HAUSHOFER, 1969 apud COSTA, 2010 – meu grifo). Deste modo, também se auxiliando de teorias malthusianas, ele constrói o seu conceito de *espaço vital* tendo em vista este ajuste. Assim, ao argumentar que a grande população alemã estaria privada das reservas territoriais necessárias para sua capacidade de garantir uma segurança de produção das bases para sua reprodução como sociedade, essencialmente focando-se na capacidade agrícola (COSTA, 2010). Esta realidade se oporia à de países como os Estados Unidos e a União Soviética, com “reservas territoriais” mais do que o suficiente para evitar este tipo de “pressão demográfica”. Portanto, a aquisição do devido Espaço Vital seria não somente uma necessidade nacional (e de seu Estado) como também uma necessidade “humanitária” (COSTA, 2010).

Com essa distribuição desigual de território, surgiriam então visões específicas enquanto à aquisição, manutenção, utilização e defesa desses – que Haushofer indica como sendo a base para a produção de geopolíticas específicas à cada nação. Com cada geopolítica e necessidade histórico-nacional, além do quadro de distribuição desigual de território, essas geopolíticas se deflagrariam constantemente, em uma eterna *luta por espaços* (COSTA, 2010). Este discurso seria de extrema valia para as elites nacionais alemãs, ressentidas com a perda territorial durante a Primeira Guerra Mundial, e necessitadas de uma unidade nacional – independente de classe social. Além disso, ao indicar a Geopolítica Alemã como “de fronteira” que buscaria no eterno conflito do centro contra leste e oeste, sua expansão se tornaria justa e justificada por seus preceitos. A República de Weimar era traidora do povo alemão ao negar esse “instinto” (COSTA, 2010).

Haveria uma dupla dinâmica para este “instinto”. A Águia Alemã olhava para Leste e Oeste. Para onde agir? Devido à situação de observar um Oeste bem arregimentado, tanto cientificamente quanto nos números de seus meios de violência, Haushofer dissuadia a ideia de uma expansão por este eixo. Ao contrário, seria à Leste que os olhos da águia de duas cabeças deveria focar-se – especialmente sobre a Prússia Oriental, agora não mais pertencente de uma unidade contígua territorial. Porém, Mackinder e sua produção acerca da “Área Pivô” teria fascinado o general (COSTA, 2010). A defesa de que haveria uma impregnabilidade de um território basicamente composto entre uma aliança russo-alemã o teria mobilizado a imaginar uma sequência de movimentações dentro da política externa, que por acaso – ou não – teriam se realizado. Inicialmente, este era forte defensor de uma aliança entre duas nações com forte “pressão demográfica”, necessidade de expansão territorial decorrente e restrições de potências navais rivais – O Japão (COSTA, 2010). Mas não somente isto, desejava uma aliança estratégica e pragmática com a União Soviética, realizando o que este denominaria como “bloco continental euroasiático”, já tomando em conta o expansionismo alemão “pangermânico” – e potencialmente “pan-europeu” – e a expansão nipônica “pan-asiática”. O motivo era evidente, “Se a frota alemã e a frota japonesa cooperassem com o exército russo, um acordo oceânico não mais seria à vista da Inglaterra um acordo leonino, mas um acordo entre iguais” (COSTA, 2010). Em 1936 é firmado o Pacto Anti-Komintern entre Japão e Alemanha, que logo após incluiria a Itália fascista de Mussolini, além de outros estados do leste europeu. Em agosto de 1939 o Pacto de Não-Agressão Ribbentrop-Molotov é assinado entre a Alemanha nazista e a União Soviética, poucos dias antes da invasão polonesa e o início da Segunda Guerra.

Porém para Haushofer, a expansão sobre o “artificial estado-tampão” polonês, além da conquista europeia subsequente à oeste, agora sobrepujados pela capacidade de guerra nazista, já seria o suficiente para a estabilidade deste novo “espaço geopolítico” (COSTA, 2010). Essencialmente, este desejava um espaço vital pangermânico, nacional com uma capacidade produtiva adequada e equilibrada. Além disso, desejava a estabilidade política deste novo Estado-Nação alemão. Porém, a subsequente quebra do Pacto de Não-Agressão e o início da Operação Barbarossa sobre a União Soviética seria essencialmente um grande erro estratégico e uma decepção (COSTA, 2010).

5. A OPERAÇÃO BARBAROSSA

5.1. Os Objetivos Nazistas

A Operação Barbarossa almeja uma vitória Total porém Parcial. Total em seus entendimento sócio-político, porém parcial no que tange ao alcance territorial. A linha que separa a Rússia sobre a Influência e Domínio Nazista varia de acordo às fontes, mas existe uma clara determinação de Limite para a influência sobre o Território Soviético. As vezes sob os Urais, as vezes em uma famosa linha “A-A” – Arkhangel'sk-Astrakhan, uma a cidade portuária russa ao ártico, e a segunda a cidade situada ao foz do Rio Volga, o que também dava à esta linha a denominação Arkhangel'sk-Volga (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 1957).

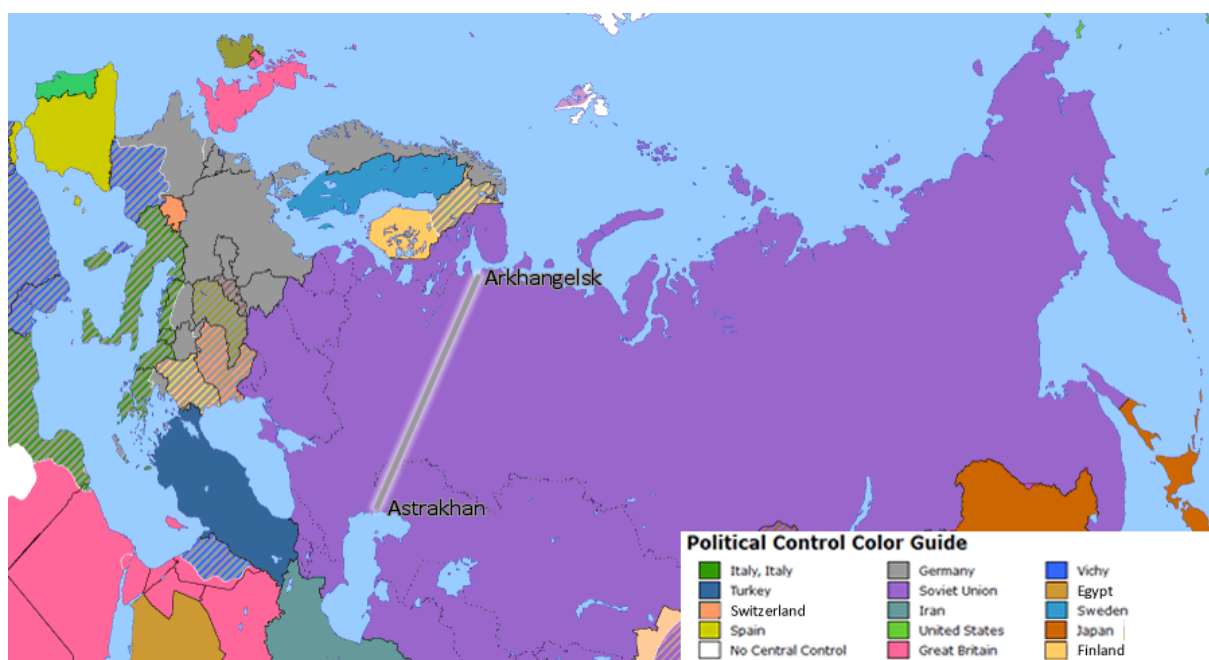


Figura 1: Mapa da Eurásia em 21 de junho de 1943, e a Linha A-A. (OMNIATLAS, 2011)

A vitória seria um vexame completo para os soviéticos. Sobrepujar sem dificuldades o esforço pleno da civilização comunista, e russa. Em um golpe fluido e rápido, cortar e selar todas as cabeças desta Hidra assustadora, besta que ameaçava com seu veneno comunista toda a ordem capitalista vigente, com suas inflexões e disputas intrasistêmicas. Nenhum seria o valor desta ordem de mundo nascente. O Capitalismo Fascista triunfante provaria isto à bala, aço, diesel e sangue.

Assim, a linha demonstra-se vital. Não há lunatismos acerca da possibilidade real de se realizar tal feito sobre todos os 22 milhões de quilômetros quadrados de território soviético. A ação seria rápida e concentrada, sobre uma região claramente limitada deste território. Seu valor

já se demonstraria suficiente, por motivos diversos. O primeiro e mais auto evidente seriam os motivos econômicos. Tanto no sentido de negar ao inimigo comunista os meios para se reproduzirem como sociedade, tal como para majorar estes meios para os próprios nazistas – ainda mais considerando a continuada guerra ao Oeste contra o Reino Unido (CLARK, 1965) (MASSON, 2010). Em um outro plano há a realidade política. Em se tratando de um conflito armado, as lideranças militares e políticas são decididamente centrais para a realização, manutenção e vitória de um conflito. Assim sendo, sua eliminação, de conjunto à todo o aparato de possíveis resistências, se tornam essenciais (CLARK, 1965). Ademais, este aparato se torna base para a reprodução de um discurso social amalgamador de todos os setores e divisões internas, algumas nacionais. A eliminação do aparato político facilita e possibilita o pleno controle. Além deste, há o plano cultural – ou a morte do Bolchevismo. Elementos capitais para este – em seu entendimento na União Soviética – estariam presentes sobre o Espaço e Território Soviético, e sua eliminação seria igualmente necessária para um domínio, por excelência, pleno (CLARK, 1965) (DAVIES, 2009).

Primeiramente deve-se entender que a parcela mais importante da produção de insumos básicos e industriais da União Soviética estaria sobre a alça desta linha. Notável importância deve ser dada à ambas produções e potencialidades na antiga República Socialista Soviética da Ucrânia. Masson (2005) descreveria sobre o impacto da futura perda do território Ucrâniano, e outros adjacentes ainda na Rússia Branca:

“A perda da Ucrânia em 1941, seguida daquela do Kuan no ano seguinte, priva-a de 55% de sua produção agrícola. A evacuação do Donetz e a ameaça sobre a bacia de Moscou privam-na ainda de 65% de sua produção de carvão, de quase 60% de sua produção de aço, de um terço de seu minério de ferro, da totalidade de seu manganês e de sua única jazida de bauxita[...]. Em novembro de 1941, a infraestrutura da URSS se acha reduzida à metade.”

Não somente isso, é nesta divisão do território soviético em que haveria uma maior densidade de meios de controle e determinação do presente e futuro da União. A revolução havia se feito e continuava a ser realizada na Rússia Branca. E é lá que ela deveria ser desfeita. Desmoralizada e sem lideranças, mortas no arraste da Barbarossa, a opção seria o aceite resignado comunista.

The mass of the Russian Army in Western Russia is to be destroyed in daring operations, by driving forward deep armored wedges, and the retreat of units capable of combat into the vastness of Russian territory is to be prevented.

In quick pursuit a line is then to be reached from which the Russian Air Force will no longer be able to attack German Reich territory. The ultimate objective of the operation is to establish a defense line against Asiatic Russia from a line running approximately from the Volga River to Archangel. Then, in case of necessity, the last industrial area left to Russia in the Urals can be eliminated by the Luftwaffe.

In the course of these operations the Russian Baltic Sea Fleet will quickly lose its bases and thus will no longer be able to fight.

Effective intervention by the Russian Air Force is to be prevented by powerful blows at the very beginning of the operation. (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 1957)

Tacitamente estaria implicado o fim da capacidade comunista de realizar sua revolução global, devido puramente à falta de meios. Claramente estariam os Nazistas realizando sua crença de um próprio “Destino Manifesto” com a renovação trazida pelos novos recursos monstruosamente conquistados.

Como realiza-lo? Como “plotar” (como na cartografia computadorizada, transformar os fatos da realidade em vetores gráficos que auxiliariam e determinariam um planejamento – neste caso Militar) este desejo e sonho?

5.2. A Progressão da Operação

A progressão da Barbarossa é bem clara desde o início. Adentrar rapidamente ao território soviético em uma ação coordenada entre máquina e homem, em terra e ar. Confundir e desordenar a ação militar soviética. Neste caos cercar e eliminar comunicação entre forças e direção, e por fim forçar à capitulação em massa. Ao termino deste ciclo, repetir até Moscou, Leningrado e Kiev.

“[The objective was] Destruction of the bulk of the Soviet Army located in Western Russia by bold operations involving deep penetrations by armored spearheads; prevention of the withdrawal of battleworthy elements into the Russian interior. The panzer forces were to carve up the Soviet Army, the slower-moving infantry and artillery were to force their surrender. Hitler had no desire to fight for, or in, the cities of the Soviet Union, and many of the generals on the staff agreed with him. The battle of France had been won by striking for the Channel—not for Paris” (CLARK, 1965)

Os questionamentos das capacidades do exército vermelho eram igualmente claros. Em primeiro lugar, haveria o questionamento acerca da real força das numerosas tropas soviéticas, especialmente se questionando seu treinamento e equipamento; em segundo lugar o tamanho do impacto dos expurgos e oficiais e da influência partidária sobre o comando do exército e sua capacidade de se movimentar e reagir taticamente; e em terceiro o Histórico de derrotas Russas e o então recente vexame na campanha contra a Finlândia, em 1940. (CLARK, 1965).

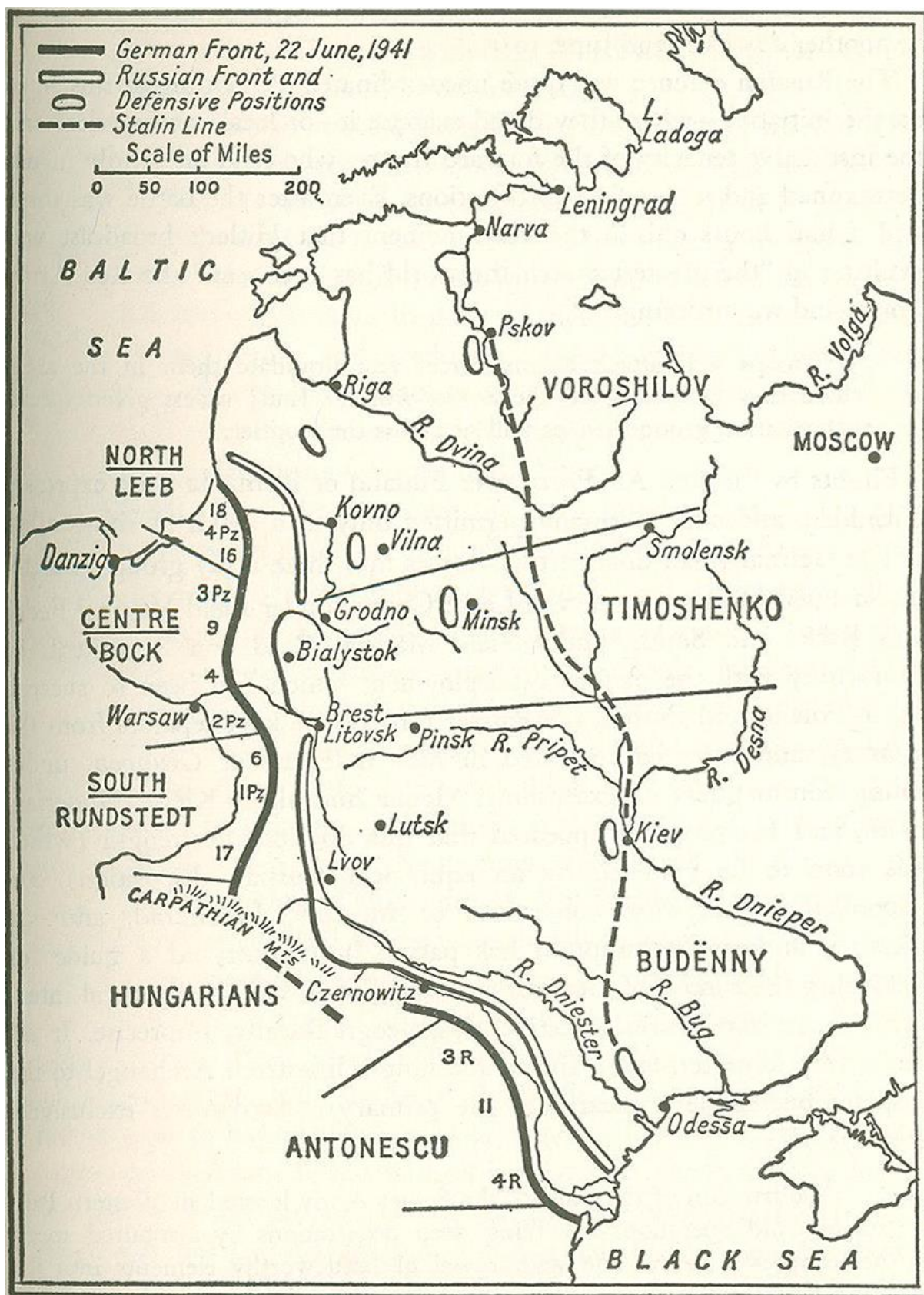
As forças preparadas para a invasão são surpreendentes. Somando-se os alemães aos aliados (Como os Finlandeses e Romenos), tem-se cerca de 3 milhões de homens na fronteira Oeste da União Soviética, divididos em 162 divisões, 3,3 mil tanques e 1,8 mil aviões. Já do

lado soviético, os números conseguem surpreender até mais com mais de 4,5 milhões de homens, 20 mil tanques e 15 mil aviões (MASSON, 2010). A ação que se desencadearia a partir do dia 22 de junho de 1941 de fato demonstrou ser tão assombrosa quanto o tamanho dos números relacionados.

A disposição de forças indicaria claramente todos os objetivos nazistas. Seriam Três os Comandos de Agrupamento de Exércitos liderados pelos nazistas (Figura 2). Além desses, uma força extra Aliada garantiria uma proteção do eixo sul da invasão, e principalmente aos ricos campos de petróleo Romenos, essenciais à máquina de guerra Alemã (CLARK, 1965).

Ao Primeiro eixo alemão, ao norte, Von Leeb teria a missão de avançar sobre os a região dos Países Bálticos (Lituânia, Letônia e Estônia), recém-incorporados à União Soviética como previsto no famoso Tratado Ribbentrop-Molotov (YALE LAW SCHOOL, 2008) de cerca de um mês anterior aos ataques alemães ao porto polonês de Danzig, alcançando a cidade-porto de Leningrado (MASSON, 2010) (CLARK, 1965). Os objetivos para isso seriam múltiplos, especialmente o militar. Sempre houvera na força da continentalidade russa a contrapartida da fraqueza de sua comunicação marítima. A defasada frota da marinha russa nunca teria sido motivo de grandes preocupações, e com certeza não na mesma medida que suas intermináveis forças terrestres. Mas a simples presença da mesma no conflito traria uma dificuldade e um atrito estratégico aos esforços da economia de guerra e civil Alemã: A essencial linha de suprimento de aço Sueco (CLARK, 1965). Assim sendo, o avanço terrestre nazista garantiria uma segurança marítima da qual os alemães não seriam capazes de realizar com suas próprias forças ao mar do norte. Interessante inversão de valores, ao se lembrar da enorme vocação de potência Terrestre da Rússia. Outra motivação de ordem econômica, com claras reverberações militares, seria o corte do acesso de mercadorias via mar para um rápido consumo no norte da Rússia Branca. Subsequentes ações de troca, e ajudas, econômicas para a máquina de guerra se dariam por rotas mais prolongadas, como pelos portos árticos de Arkhangel'sk e Murmansk, ou pelo Oriente Médio, atravessando o Mar Negro e o Cáucaso (MASSON, 2010) (HILL, 2007).

Porém, talvez ainda mais importante seria o valor simbólico da conquista de uma cidade que teria em Lenin seu patrono. Antiga São Petersburgo, sede da Revolução Bolchevique liderada pelo próprio Lenin. O valor iconográfico no imaginário ideológico bolchevique não deve ser ignorado. O objetivo não é somente pró-nazista como também, sincronicamente, anti-bolchevique. As fraquezas e derrotas de um pelas mãos de outro seriam como a definição concreta da vitória ideológica e metafísica. Se não no campo das discussões acadêmicas, no campo da História. O Discurso difundido deste embate se materializaria em uma aceitação,



The Eastern Front on 22nd June, 1941

Figura 2: Disposição de forças e frentes alemães

tácita ou à base do sangue, do projeto Nazista e a falência do projeto Comunista. Mais do que um centro urbano e industrial importante, Leningrado é a cidade de Lenin e da Revolução. Atacá-la é atacar uma ideia. Derrubá-la é derrubar uma ideia para realizar os objetivos finais do conflito, a dissolução da sociedade soviética (ao menos em um certo território), ela se demonstra tão estratégica quanto os outros vindouros eixos de ataque.

Seguindo-se para o Segundo Eixo, a motivação teria uma mistura da simbologia presente no caso Leningrado, porém com considerações mais concretas. O alvo seria Moscou, a cabeça pensante de toda sociedade soviética, e assim de suas forças armadas. Recairia à von Bock a liderança de um maciço agrupamento de Exército “com duas fortes formações blindadas, sob as ordens de Hoepner e Guderian” (MASSON, 2010), com a intenção de criar as maiores derrotas e perdas de soldados aos soviéticos, tanto como consequência da concentração de forças blindadas e a doutrina de *Blitzkrieg* nazista, que teve como um de seus maiores expoentes justamente o supracitado General Heinz Guderian, tornado chefe das operações militares móveis ainda em 1938 (DEAR, 1995). O avanço rápido das forças blindadas, com o apoio próximo de uma aviação especializada em bombardeios sobre as unidades em combate – Denominado “Close Air Support” ou Suporte Aéreo Proximal em tradução livre, traria a desorganização à hierarquia militar inimiga ao desestabelecer posições como consequência da alta violência de ação, e as necessárias medidas de proteção e salvaguarda às forças. (CLARK, 1965)

During the afternoon, when the first positive orders began to percolate to the defenders, a gradual stirring at corps and divisional levels took place. But there was no real effort at concentration – not, at least, in any co-ordinated sense. It is simply that all the units grouped behind the frontier seem to have packed up as best as they could and moved off to encounter Germans head on. And in that time the Luftwaffe had finished its work on the forward Soviet airfield network, and these approach marches led straight into the German bombsights. Roads were smashed and raked with machine-gun fire; tank parks were blasted; fuel stores set alight; thousands of horses were scattered, wounded and in terror, across the countryside. It was the classic stencil of the *Blitzkrieg*, imprinted now on the broadest of canvas (CLARK, 1965).
Grifo próprio.

Atacar Moscou também é compreensível pois se você deseja reduzir à capacidade daquela outra máquina de guerra de resistir a sua vontade, ganhando o conflito a força, a ideia de se eliminar a dirigência desta máquina não parece tão sem-sentido. Não somente isso, uma máquina de guerra, e de Estado, não resiste sem suporte de seus “nacionais”. É a legitimidade dada por eles que permite a existência destes aparatos, e a perda desta legitimidade se prova igualmente vital como meio de procurar encerrar o conflito. Assim como na Queda da França, ao demonstrar que a dirigência daquela “Nação” não é capaz de garantir a inviolabilidade de

seu território sem nenhuma resposta digna, a população pode simplesmente acatar a vontade do invasor e tornar todo o aparelho de guerra uma máquina imóvel feito um tanque de guerra sem combustível. Ou como o Marechal von Brauchitch teria reportado sobre a conferência de Orsha em 27 de Outubro de 1941 – meros dias antes da derrota da operação Typhoon que visava a queda de Moscou:

“[...]Recebemos então a fatídica ordem de conquistar Moscou.[...]Haveria um ataque mais direto, com o objetivo de ocupar Moscou, por causa de sua grande importância como ‘símbolo’ da resistência russa. A ordem dizia que o Kremlin seria destruído para assinalar o fim do bolchevismo.” (HART, 1980).

O Terceiro eixo de ataque seria possivelmente o que se recheasse de menor valor abstrato e definitivamente o de maior relevância ao concreto para a máquina de guerra. Ocupar a margem direita do rio Dnieper, incluindo o nódulo produtivo regional de Kiev. A intenção seria se apropriar da rica produção industrial ucraniana ao se apoderar do ponto fixo no espaço que concentrava e escoava sua produção tanto agrícola quanto industrial. Não somente isso havia mais um sentido estratégico para essas movimentações. Desde a década de 1930 que os Russos, e naturalmente também qualquer força invasora, imaginava a distribuição de forças defensivas tomando os Pantanos Pripet (Figura 3) em conta (CLARK, 1965). Em uma região que se encaixaria entre o norte da Ucrânia e o sul da Bielorrússia atual, este terreno encharcado e pantanoso se demonstraria tanto uma dádiva quanto um enorme problema para a logística defensiva. Lembrando-se que a maior parte da população soviética se localizaria na porção ocidental da união, em conjunto com sua capacidade industrial, rede urbana e regiões agrícolas, a existência desse terreno pantanoso dividiria a infraestrutura em duas grandes redes, tendo na hidrografia suas maiores oportunidades de integração. Assim capacidade de mobilidade tanto ofensiva quanto defensiva estaria limitada. (CLARK, 1965).

Um avanço por essas terras ricas produtivamente, e especialmente sobre sua capital Kiev – o principal nodo de distribuição e escoamento de toda produção agrícola e industrial da rica e importante Ucrânia soviética, sendo assim a cidade que abarcava uma porção importante da base de reprodução material daquela sociedade (CLARK, 1965) (DEAR, 1995) (MASSON, 2010) –, sem o pleno respaldo logístico e militar do exército vermelho, seria essencial para a continuidade do esforço de guerra Nazista. Os motivos do terceiro eixo são claros sob uma análise militar. Negar ao inimigo recursos importantes para sua máquina de guerra enquanto você aumenta para si a disponibilidade dos mesmos. Não somente isso, pode-se (e talvez deve-se) entender que o próprio objetivo desta guerra é alcançar de forma permanente uma maior base de recursos para a própria reprodução da sociedade nazista, onde o território e o solo

aparecem como um componente vital. Esta lógica voltaria à ser observada em futuros desenvolvimentos sobre o progresso, e fracasso, da Barbarossa.



Figura 3 : Pantanos Pripet, também compreendido como a região da "Polesie" (WIKIMEDIA COMMONS, 2014).

Outro ponto importante a se ressaltar a cerca deste eixo de ataque seria o necessário respaldo aos aliados Romenos e seus preciosos poços de petróleo. Com a ofensiva sobre a Ucrânia, essas forças acabariam por tomar a cidade de Odessa e a região fronteira com a Ucrânia, e até mesmo se juntar às forças Nazistas que depois procurariam tomar a Criméia e cercar Sebastopol. (CLARK, 1965) (MASSON, 2010) (HART, 1980).

Os primeiros dias são de choque. Ao norte Manstein teria conseguido avançar cerca de 50 milhas no primeiro dia. Ao centro Guderian teria cercado a atual capital da Bielorrússia, Brest, além de ter tomado outras cidades na região. Cercos e bolsões eram fechados, e à diversas unidades de batalha soviéticas somente restaria a capitulação. Porém a surpresa não veio em mão única, e estranhamente essas capitulações não vieram tão facilmente.

“But even before dusk on the 22nd certain differences from previous campaigns were apparent. Like some prehistoric monster caught in a net, the Red Army struggled desperately and, as reflexes gradually activated the motor parts of its body, with mounting effect. Until that day the Germans had always found that bodies of surrounded enemy lay down and died. There would be a contracting of perimeters, a drawing of ‘flanks’, perhaps some perfunctory efforts to break out or counterattack, and then – surrender. The speed and depth of a Panzer thrust; the

tireless ubiquity of the Luftwaffe; above all, the brilliant coordination of all arms, had given to the Germans an aura of invincibility that had not been enjoyed by any other army since the time of Napoleon. Yet the Russian seemed as ignorant of this as they were of the rules of the military textbook.” (CLARK, 1965)

Em terra, os planos Nazistas encontraram na resistência do Exército Vermelho uma força de atrito maior do que imaginavam. A aparente “loucura tática” se demonstrou uma estratégia muito eficaz em desacelerar os avanços alemães. Claro que a custos humanos absurdos. Mas foi ao ar que esta estratégia mostrou seu custo maior, pelo menos no campo da capacidade das forças armadas manterem sua organização. O desespero parecia a norma tática, ou como CLARK (2005) indicaria “It was infanticide, they were floundering in tactically impossible formations”. Nos dias 22 e 23 de Junho, os russos teriam perdido entre os bombardeios estratégicos e as batalhas anárquicas aos céus, de 1.500 à mais de dois mil aeronaves! A maior força aérea numericamente do mundo fora virtualmente eliminada. (CLARK, 1965) (DAVIES, 2009) (HART, 1980).



Figura 4: Primeira Semana de Batalha (POBEDITELI, 2005) modificado.

Já na primeira semana, sem apoio aéreo, Minsk seria alvo do maior bolsão militar da história até então à cerca de 320 quilômetros da fronteira (DAVIES, 2009) (CLARK, 1965). Um recorde que não perduraria muito tempo. O comandante do exército do norte russo, Gen. Pavlov, seria chamado para Moscou. “No dia 29, ele já não tinha mais contato com os

comandantes do seu exército e, no dia seguinte, junto de seus auxiliares, foi convocado para Moscou, onde sem mais delongas, foram todos fuzilados.” (DAVIES, 2009). E o motivo seria simples. Os 2º e 3º Agrupamentos Panzer, sob os comandos de Hoth e Guderian, respectivamente, na alçada do Front Central de Hoepner (Figura 4).

Ao Sul, as forças Alemãs tiveram mais dificuldades com a resistência mais organizada do exército vermelho. As forças do Comandante do Distrito Militar de Kiev, Gen. Kirponos, eram maiores e mais fortes do que tanto as forças de Pavlov quanto dos próprios Alemães em ofensiva. (CLARK, 1965). Os esforços nazistas procuraram explorar as dificuldades do terreno pantanoso de Pripet com um ataque em seu limite mais ao sul, protegendo um de seus flancos. Neste eixo estaria o Primeiro Exército Panzer sob o comando do General von Kleist, em conjunto com as forças terrestres não blindadas dos 6º e 17º Exércitos. Ao sul deste front, apenas o 11º Exército reforçaria as forças aliadas dos Romenos e Húngaros, equipados com os espólios militares franceses após sua queda em 1940 (CLARK, 1965).

Esta escolha se mostrou furtuita ao comando de Kirponos, que ao ler o menos avanço das forças ao seu Sul entendeu que os maiores esforços defensivos deveriam se focar ao norte, próximo dos Pantanos. Assim, ordenou a concentração de forças ao Norte que consistiam-se de quatro exércitos de infantaria com três corpos de blindados para suporte, além de um exército de infantaria como reserva à 250 quilômetros da fronteira, e mais dois exércitos de infantaria na cidade de Zhitomir (CLARK, 1965). Infelizmente, a inexperiência dos Soviéticos para lidar com as ações de penetração blindada, movimentos de pinça, cercos e capitulações, levou aos esforços defensivos apenas à grandes e pesadas percas. Após um malogrado ataque dos corpos blindados logo no dia 22 de junho, estas logo se colocaram em retirada para evitar cercamentos. Seguidas de perto pelos avanços blindados germânicos, se sucederam em diversas batalhas até seu eventual esgotamento já em Zhitomir. As forças mecanizadas de blindados foram abandonadas. (CLARK, 1965)

Esta realidade não evitou que Kirponos fosse visto como uma competente liderança militar. “The enemy leadership in front of A.G. South is remarkable energetic, his endless flank and frontal attacks are causing us heavy losses. One has to admit that the Russian leadership on this front is doing a pretty good job” (CLARK, 1965). Porém, logo se veria que a derrota ao norte dos Pantanos de Pripet, no front central, se tornaria cabal para uma eventual perda devastadora para Kiev e o front sul.

Um pouco mais de uma semana de campanha depois, o silêncio da dirigência partidária é quebrado. Muito se comenta sobre este período de 11 dias de silêncio, em 3 de julho. Teria

Stalin se assombrado com o ataque e avanço nazista (DEAR, 1995)? Teria ele se organizado para um ataque surpresa com suas forças ao Oeste devidamente ordenadas para tal, e portanto despreparadas para um esforço defensivo (DAVIES, 2009)? Ou era essa inanição pura incompetência de Stalin (MASSON, 2010)? A resposta definitiva à esta questão não me alcançável, e portanto não me proponho a isso. A discussão é aberta à qualquer leitor bem informado de fontes primárias e análises. Talvez fundamentalmente nunca saibamos essa verdadeira resposta. Mas o que temos ciência é de sua reveladora fala:

How could it have happened that our glorious Red Army surrendered a number of our cities and districts to fascist armies? **Is it really true that German fascist troops are invincible, as is ceaselessly trumpeted by the boastful fascist propagandists?** [...] History shows that there are no invincible armies and never have been. Napoleon's army was considered invincible but it was beaten successively by Russian, English and German armies. [...] **The same must be said of Hitler's German fascist army today.**[...]

Side by side with the Red Army, the entire Soviet people are rising in defense of our native land. What is required to put an end to the danger hovering over our country, and what measures must be taken to smash the enemy? Above all, it is essential that our people, the Soviet people, should understand the full immensity of the danger that threatens our country and should abandon all complacency, all heedlessness, all those moods of peaceful constructive work which were so natural before the war, but which are fatal today when war has fundamentally changed everything.

The enemy is cruel and implacable. He is out to seize our lands, watered with our sweat, to seize our grain and oil secured by our labor. **He is out to restore the rule of landlords, to restore Tsarism, to destroy national culture and the national state existence of the Russians, Ukrainians, Byelo-Russians, Lithuanians, Letts, Estonians, Uzbeks, Tatars, Moldavians, Georgians, Armenians, Azerbaidzhanians and the other free people of the Soviet Union,** to Germanize them, to convert them into the slaves of German princes and barons [...].

Lenin, the great founder of our State, used to say that the chief virtue of the Bolshevik must be courage, valor, fearlessness in struggle, readiness to fight, together with the people, against the enemies of our country. This splendid virtue of the Bolshevik must become the virtue of the millions of the Red Army, of the Red Navy, of all peoples of the Soviet Union. [...]

We must strengthen the Red Army's rear, subordinating all our work to this cause. All our industries must be got to work with greater intensity to produce more [...]. We must wage a ruthless fight against all disorganizers of the rear, deserters, panic-mongers, rumor-mongers; we must exterminate spies, diversionists and enemy parachutists, rendering rapid aid in all this to our destroyer battalions. We must bear in mind that the enemy is crafty, unscrupulous, experienced in deception and the dissemination of false rumors [...].

All who by their panic-mongering and cowardice hinder the work of defence, no matter who they are, must be immediately haled before the military tribunal. In case of forced retreat of Red Army units, all rolling stock must be evacuated, the enemy must not be left a single engine, a single railway car, not a single pound of grain or a gallon of fuel. The collective farmers must drive off all their cattle, and turn over their grain to the safe-keeping of State authorities for transportation to the rear. All valuable property, including non-ferrous metals, grain and fuel which cannot be withdrawn, must without fail be destroyed.

In areas occupied by the enemy, guerrilla units, mounted and on foot, must be formed, diversionist groups must be organized to combat the enemy troops, to foment guerrilla warfare everywhere, to blow up bridges and roads, damage telephone and telegraph lines, set fire to forests, stores, transports. In the occupied regions conditions must be made unbearable for the enemy and all his accomplices.

They must be hounded and annihilated at every step, and all their measures frustrated. [...]. **All our forces for support of our heroic Red Army and our glorious Red Navy! All forces of the people—for the demolition of the enemy! Forward, to our victory!** (RYAN, 2015)

O discurso é extremamente rico e diversos são os pontos que podem ser levantados. A dualidade entre identidades nacionais – consideradas reacionárias pela teoria marxista vigente no estado Soviético – e a própria identidade Bolchevique. A clara referência àquela política de guerra pela população civil conhecida como “Política de Terra Arrasada”. E os elementos propagandísticos, tanto na desconstrução da Nazista quanto em uma construção Russo-Soviética – contraditoriamente se apropriando de feitos militares da época Tsarista. Qual seria o efeito de tal peça contraditória porém infamante? Segundo MASSON (2005), o pronunciamento traria uma renovada imagem sobre a liderança de Stalin, e portanto de todo Partido Comunista. Acessível e quase suplicante, Stalin exerceria uma liderança mais aproximada à realidade do homem comum soviético, ao invés da liderança de aço que havia caracterizado seu regime recheado de expurgos. Uma coisa é bem evidente: a execução de Pavlov e seus auxiliares estava prevista como novo princípio desta que viria a ser chamada “Grande Guerra Patriótica” para o povo Russo. (CLARK, 1965) (DAVIES, 2009) (MASSON, 2010). Somando o medo do NKVD à resiliência russa, além dos crimes de guerra alemães, se tornou concreta a promessa de resistência plena e máxima.

The endless, aimless succession of counterattacks, the eagerness to trade ten Russian lives for one German, the vastness of the territory, and its bleak horizon, A German Colonel Bernd von Kleist, wrote: ‘The German Army in fighting Russia is like an Elephant attacking a host of ants. The elephant will kill thousands, perhaps even millions, of ants, but in the end their numbers will overcome him, and he will be eaten to the bone’ (CLARK, 1965)

Além disto, inicia-se um esforço de fortalecimento das forças armadas e da economia de guerra. Como indicaria CLARK (1965), comissários do partido comunista e os mais competentes dos oficiais sobreviventes do ataque inicial – competência e sobrevivência termos que se confundiam neste momento – se somariam em um esforço de formação de unidades do exército em massa. A dirigência comunista comandaria que todas as linhas de trem à Oeste do Dnieper se tornassem “vias de mão-única” para o interior, com os recursos de toda sorte se concentrando em uma nova e recuada base industrial. Até mesmo a inteligência alemã ficaria assustada com que via. “Air reconnaissance show enormous mass of rolling stock accumulating in marshalling yards. Appers to be empty. Is this a bluff?” (CLARK, 1965). Porém, para além deste cenário de recuada, havia também a ação prática da destruição da infraestrutura ocupada. Novamente Clark (2005) indica a gravidade da ação:

“Installations were demolished, dumps set ablaze, extempore fieldworks thrown up, cattle and fowl slaughtered or driven east. Over the whole scene brooded the ‘rear security detachments’ of the NKVD, machine gunners held ready ‘to check panic... and prevent unauthorized withdrawal’”

A progressão das campanhas mudam. O avanço ao norte continua consistentemente rápido até o fim dos territórios dos países bálticos anexados. Posteriormente a este limite, uma renovada resistência e defesa soviética é formada.

Ao centro os Soviéticos amontam cinco exércitos sob as ordens do Gen. Timochenko, na expectativa de refrear o avanço alemão. Seus esforços são parcialmente conquistados. Pois são estas forças sob o seu comando que desaceleram o avanço nazista. Também são elas que são cercadas na altura de Smolensk, tendo ao fim de julho a capitulação de mais de 310 mil homens (HART, 1980) (DAVIES, 2009) (DEAR, 1995).



Figura 5: Avanço e cerco a Smolensk (POBEDITELI, 2005) modificado.

Toda a batalha toma um mês, de 6 de Julho até 5 de Agosto. A movimentação demonstra uma qualidade dupla e contraditória à Blitzkrieg alemã. Enquanto as forças blindadas de Hoth e Guderian avançavam livremente, chegando a ultrapassar um “meridiano” Smolensk já em 17 de Julho, as tropas de infantaria se movimentavam essencialmente à pé. Sua progressão era demorada, e suas linhas de suprimento baseadas fortemente na força animal. O progresso lento, somados às fortalezas de uma “linha Stalin” aproveitadas por um Exército Vermelho

extremamente obstinante, forçaram um ritmo diferente à iniciativa alemã (CLARK, 1965). As consequências estratégicas são claras. É cada vez mais evidente a real dificuldade de tal empreitada “Bonapartista”¹⁰:

“These cumulative erros of decision on the northern and the central fronts can be (and have been) attributed to many things: timidity at OKW, the conflict of personalities, the absence of a long-term strategic plan and so on. But the hard fact remains that the Germans, even at this early stage, were attempting too much. Their mobile forces were not strong enough, or numerous enough, to support three simultaneous thrusts.

Strength, that is to say, in a qualitative sense. The Panzers had only a limited cross-country ability as nearly all their supply vehicles were not tracked, but wheeled, and had difficulty over bad going.”

A resistência soviética é digna de uma nota a parte. Um assustador relato de um sargento da 6ª Divisão Panzer figura esta realidade. Após 10 dias de observação plácida sobre dois tanques russos incapacitados, um cozinheiro do exército teria por curiosidade tentado observar a parte interna de um desses, que não teria observado claramente os ocupantes sendo mortos. Internamente estariam os cadáveres de “squatting skeletons” (“Esqueletos agachados” em referência à sua condição malnutrida, provável causa de suas mortes). Eles estariam utilizando sua posição privilegiada, como inimigos caídos, para passar informações sobre os horários das redes de suprimento nazista. Um desses teria perdido um de seus olhos na batalha que teria desabilitado o tanque (CLARK, 1965).

A recepção à esta campanha mudou o rumo da guerra. Não somente o calendário do conflito estaria fora do planejado, como também não se concretizava a premissa de destruição completa de todas as forças armadas à Oeste do rio Dnieper (CLARK, 1965). As perdas eram milionárias; porém nunca dentro dos modelos. Os avanços enormes e constantes, porém sempre fora do compasso desejado ao Alto Comando Nazista, e de Hitler. Eram vitórias que cada vez mais tomavam um gosto diferente para ambos os lados. Assim, as discussões na direção nazista iniciaram uma procura por soluções estratégicas. Os pontos eram vários, mas claramente se aceitava uma premissa: Não se é possível avançar nos três frentes simultaneamente e algum deveria de ser priorizado. (CLARK, 1965)

O General Rundstedt envisionava um maior ganho estratégico ao se reduzir a velocidade ao Sul e ao Centro, priorizando Leningrado ao norte, com o objetivo de “libertar” – aceitando à contragosto o discurso nazista apenas para fins acadêmicos – os países bálticos, e unificar as forças com os Finlandeses antes da vinda do Inverno Russo, procurando estabelecer posições para um futuro movimento em pinça sobre Moscou, com o front norte sob menor resistências.

¹⁰ Na concepção de expansão imperialista determinada por (BOBBIO, 2010).

Guerian, Hoth, Halder entre outros observavam a estratégia de batalha de outro modo. Acreditavam piamente no essencial valor estratégico de uma tomada rápida sobre Moscou (CLARK, 1965). Inicialmente Guderian até mesmo teria se lançado em uma avanço surpresa na esperança de convencer a dirigência nazista, porém a decisão caminharía para outro rumo (CLARK, 1965). Posteriormente à guerra muitas questões seriam levantadas sobre o acerto ou erro estratégico desta decisão. Importante nota deve ser dada ao fato de que todos os principais defensores da opção adotada, como Keitel, Jodl, Kluge e o próprio Hitler, não estariam vivos para defender suas ideias. (CLARK, 1965)

Hitler acreditava que seria muito mais vantajoso para a economia de guerra a tomada dos recursos tanto ao norte quanto ao sul, porém especialmente ao sul (DEAR, 1995). Acusaria seus generais que discordavam de sua visão de não terem compreensão das necessidades a cerca de uma economia de guerra, e o quão essencial esta seria para o funcionamento das maquinas em aberto conflito (BAUER, 1995). Outro interessante fator seria a percepção de que os Soviéticos já estariam demonstrando uma recuperação de sua capacidade de produção, com uma indústria “evacuada” em uma porção mais interna da União (DEAR, 1995). Não somente isso, o custo logístico e humano da guerra se pronunciava sobre a nação alemã, e assim tanto seria necessária uma concentração de esforços para reduzir o atrito nos embates, quanto para mais devidamente armar e alimentar os fronts que seguissem em combate (CLARK, 1965) (DEAR, 1995). O Front central aceitaria uma posição defensiva. Os fronts do norte e do sul ganhariam reforços.

Assim, em 3 de Agosto os generais do Front Central receberiam a notícia, oriunda da boca do próprio Hitler, que inicialmente o foco das operações iria gravitar sobre o front norte a tomada de Leningrado. Após isto realizado, escolheria entre Moscou ou a Ucrânia em sua ordem de nova gravitação (CLARK, 1965). Mas a escolha era clara:

“In essence the Führer’s attitude was founded on defensive considerations: the capture of Leningrad would shut the Russians off from the Baltic and secure the iron-ore route from Sweden; the capture of the Ukraine would provide the raw materials and the agricultural produce Germany would need for a long war; the occupation of the Crimea would neutralize the threat from Russian Air Force against the Ploesti oil fields.” (CLARK, 1965).

E o Fronte Norte fluiu com tranquilidade para os Alemães. As forças de defesa em Luga, por mais descansadas e recém-formadas que fosse, eram incapazes de resistir ao ataque Nazista, muito devido à seus números reduzidos (CLARK, 1965). Já no dia 8 de Agosto, Hoepner teria dividido seu *Gruppe* Panzer em duas forças. Reindhardt à esquerda em seu 18º Exército avançando sobre Narva, e Manstein e seu 56º Panzer propriamente sobre Luga (CLARK, 1965).

Em três dias os Exércitos do General Popov, o responsável Soviético para a defesa à Leningrado, se deparava com uma derrota clara, e a assustadora sombra de um encercamento caso mantivesse posições defensivas e não recuassem. Caso não tomasse essa dura posição, tanto Leningrado não manteria nenhuma força para sua defesa, pois neste momento não haveriam reservas de homens na retaguarda, quanto numerosas forças se perderiam. A opção foi um contra-ataque que teria como principal consequência atrasar o avanço nazista por uma semana (CLARK, 1965). Porém já na segunda semana de Agosto, Chudovo – Uma das cidades na principal rota de trem em comunicação entre Moscou e Leningrado – cairia nas mãos alemãs. Leningrado era uma succulenta fruta, pronta para ser devidamente tomada. E parafraseando um famoso ditado para os amantes do futebol, “Só faltava combinar com os Finlandeses”.

Realmente, dos dias 28 de Agosto até 4 de Setembro, o General Keitel teria pedido incessantemente ao Comandante Finlandês Mannerheim que este pressionasse o Istmo da Carélia além de cruzar o rio Svir e pressionar a borda norte do Lago Ladoga – em um movimento essencial para fechar o cerco (CLARK, 1965). Este era uma realidade somente esperando ser realizada. Após os esforços militares-diplomáticos, que resultaram na ocupação do rio Svir, Hitler envisionava um cerco de baixas demandas militares (DEAR, 1995). Comandou von Leeb a tomar o restante das comunicações de Leningrado com Moscou e em outubro teria finalmente fechado o cerco. Anteriormente a esta cartada “final”, já teria realocado algumas unidades Panzer para o Sul, no front Central, planejando já sua futura movimentação (CLARK, 1965) (DEAR, 1995) (DAVIES, 2009).



Figura 6: Avanço Nazista ao fronte norte (WIKIMEDIA COMMONS, 2005) modificado.

Como esperava Hitler resolver a questão dos 3 milhões de civis em Leningrado? Sua primeira opção seria Cartaginense (CLARK, 1965) (DEAR, 1995). O puro e simples massacre pleno da cidade, com uma futura ocupação finlandesa, cujo governo se mantinha reticente enquanto à tomar território russo. Após deliberar enquanto às consequências geoestratégicas que esse massacre teria, especialmente no quanto isso mobilizaria a América de Roosevelt, resolveria por cercar a cidade até a primavera de 1942, deixando-a morrer de fome durante o duro inverno russo, para depois ser “limpa” por tropas de infantaria. Assim, o front Norte estaria resolvido (DEAR, 1995).

Era hora de tomar Kiev. Algumas diretivas geoestratégicas deveriam ser cumpridas. Os Pantanos Pripet teriam de ser superados no avanço nazista tanto ao Centro quanto ao Sul. A banda oeste do Rio Dnieper, ocupada, com até mesmo pontas-de-lança blindadas esperando uma diretiva de movimentação ao outro lado do Rio, alguns já ocupando a Bacia do Donetz.

Antes o front mais resiliente dos Soviéticos, a Ucrânia começaria a cair já em Julho, quando Kirponos teria exaurido sua força de tanques. A perda das batalhas em Rovno, Dubno e Ternopol forçariam Kirponos a uma forte retirada, que permitiria um evidente avanço Nazista adentro de território Ucrâniano. Ao mesmo tempo, as forças satélites do eixo, lideradas pelo Romenos, teriam avançado para cercar e tomar Odessa (CLARK, 1965). Um último movimento preparatório antes do cerco seria dado pelo General Panzer Kleist, ao penetrar ao Sul de Kieve entre os Dniester e Dnieper (HART, 1980) (Figura 7).

Após a o cerco em Leningrado se tornar evidente, Hitler teria virado seus olhos sobre a Ucrânia. Kleist poderia seguir-se ao norte, enquanto Guderian no front Central poderia seguir-se ao sul, passando pela final borda Leste dos Pantânos Pripet. O cerco se fecharia sobre Kiev.

“Enquanto os Exércitos de Reichnenau e Weich engajavam as forças russas à sua frente, Guderian realizou uma penetração no sentido sul, cortando a retaguarda inimiga, enquanto Kleist arremetia a partir da curva do Dnieper. Os dois grupos Panzer encontraram-se a 250 km de Kiev, fechando a armadilha por de trás das costas dos Russos. Desta vez poucos escaparam, e o numero total de prisioneiros excedeu de 600.000.” (HART, 1980)

O maior cerco da história da guerra. Kiev fora tomada logo após. Restava um. Apenas Moscou. Como HART (1980) indicaria porém:

“Mas Setembro já estava perto do fim quando a batalha terminou – as estradas ruins e o mau tempo haviam diminuído o ritmo da operação, embora não tivessem conseguido impedi-la. O Outono chegara, com seus usuais obstáculos ao movimento. E o inverno aproximava-se, trazendo consigo a tradicional ameaça a qualquer invasor da Rússia”. (HART, 1980)

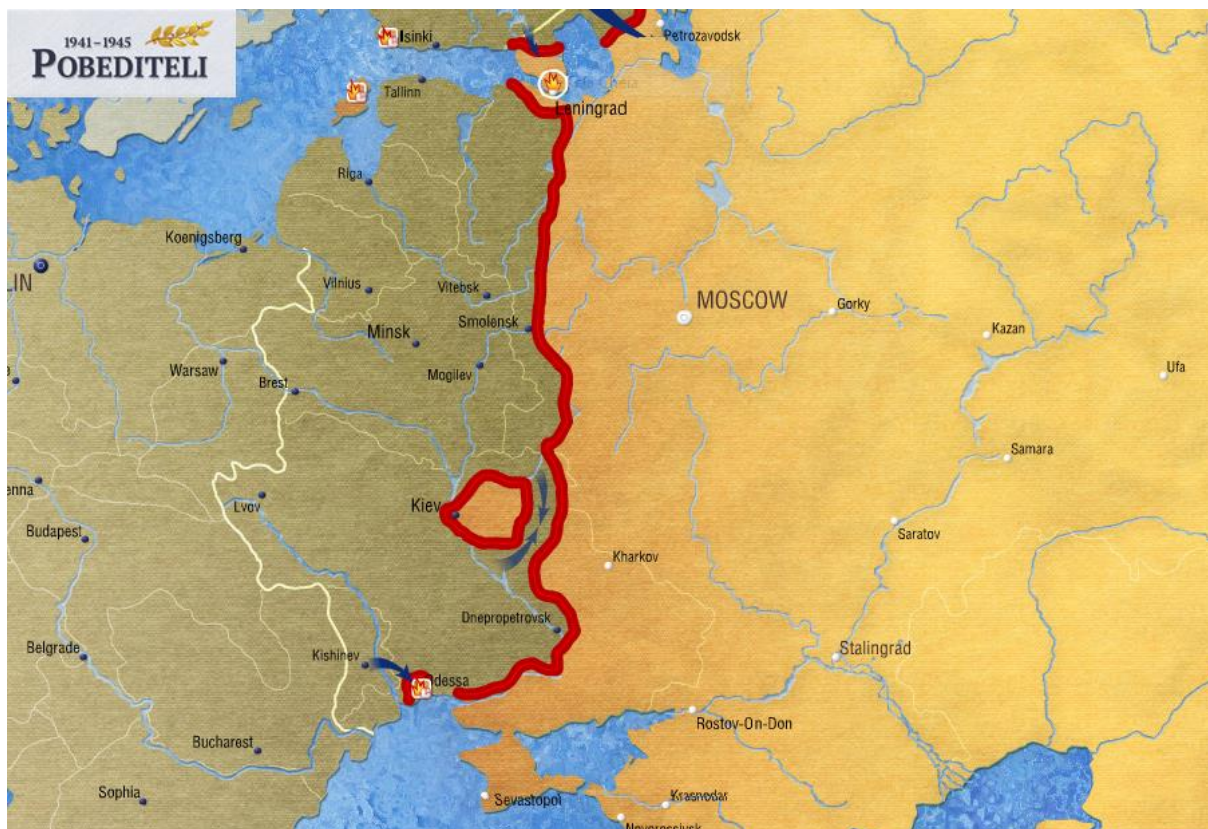


Figura 7: Cerco de Kiev (POBEDITELI, 2005) modificado.

5.3. O Insucesso

A operação Tufão é ordenada. Inicialmente há a excitação. Após o fim da campanha em Kiev, duas semanas são tomadas até o início da campanha, em 7 de outubro (DAVIES, 2009). Teria os nazistas hesitado em medo às consequências de “acabar de assassinar o Urso”? Na verdade, a geografia explica. Pois o outono Russo é razoavelmente chuvoso, e especialmente aquelas duas semanas. As águas somadas ao solo argiloso da região. Entra em cena também a fraca infraestrutura soviética, com estradas muitas vezes de terra, que logo acompanharia sua famosa *rasputitsa* de outono.

Both sides now struggled in the autumn mud. On October 6 [1941] the first snow had fallen, unusually early. It soon melted, turning the whole landscape into its habitual trackless state – the rasputitsa, literally the ‘time without roads’. ... It is commonplace to attribute the German failure to take Moscow to the sudden change in the weather. While it is certainly true that German progress slowed, it had already been slowing because of the fanatical resistance of Soviet forces and the problem of moving supplies over the long distances through occupied territory. The mud slowed the Soviet build-up also, and hampered the rapid deployment of men and machines (OVERY, 1997).

Um atraso de duas semanas que não viria sem consequências. O Agrupamento de Exército “Geografia” teria lançado dois geniosos generais, o Solo e o Clima, para arrefecer o front. O objetivo? Dar tempo e preparar o terreno para o retorno do maior herói de guerra Russo. O General Inverno.

Os números eram igualmente Napoleônicos. As estimativas do OKW estimavam perdas Russas de 2,5 milhões de homens, 18 mil tanques e 14 mil aeronaves. Estimativas similares aos números que a inteligência nazista teria dado à totalidade das forças soviéticas (CLARK, 1965). O que mantinha este exército de pé?

“O incrível é que a economia planejada continuou a funcionar mesmo quando as mais industrializadas regiões do Estado, na Ucrânia, foram dominadas pelos alemães. Esforços heroicos e métodos draconianos foram necessários para evacuar fábricas inteiras, com maquinário e operários, para os Urais e a Sibéria. Conquistas preciosas dos anos 1930, como a represa de Dnepropetrovsk, foram dinamitadas. Pessoas passaram fome. Milhões perambularam nos campos do Gulag. As mulheres assumiram o comando das fazendas coletivas. Os homens foram jogados em combate sem a menor consideração por sua sorte. Mas o fluxo crescente de equipamento militar para o Exército Vermelho jamais foi interrompido” (DAVIES, 2009)

Produção Militar Soviética¹¹			
	<i>Tanques</i>	<i>Aviões</i>	<i>Canhões Pesado</i>
1940	2.794	10.565	15.300
1941	6.590	15.735	42.300

Deste modo, é criado o cenário para o fim da Barbarossa. Atrasos nos avanços em três fronts devido à resistência russa. Falta de mantimentos e provisões logísticas adequadas. Falta de homens e máquinas de guerra. Mudanças estratégicas e geoestratégicas. Subestimação das capacidades e forças soviéticas. Respostas positivas das lideranças militares comunistas ao recrudescimento Stalinista. E por fim, o tempo.

Teriam apenas o fim do Outono para agir. Blumertritt teria lamentado a parada por dois meses nos “melhores meses do outono”. A campanha propriamente dita se inicia quando as chuvas melhoram, e as estradas secam o suficiente (DAVIES, 2009). O Plano teria como objetivo destruir os remanescentes das forças de Timoshenko além de subjugar Moscou. Três quartos das forças totais na campanha ao Leste estariam agora concentradas nesse centro de gravitação, com todos os Exércitos Panzer à exceção de Kleist que seguiria avançando à Ucrânia, pensando em alcançar a “Porta do Cáucaso” (CLARK, 1965; HART, 1980). Três seriam os eixos de avanço blindado, com Hoth ao norte – como sempre neste front – que teria

¹¹ (ELLIS, 1993 apud. DAVIES, 2009)

em Vyazma seu objetivo. Guderian ao sul, retornando de sua manobra no cerco à Kiev, com o objetivo de tomar Bryansk. E Hoepner do antigo front Norte, agora realocado para um esforço direto e central à Moscou – ainda mais considerando que Leningrado já estava “resolvida” pelo momento (CLARK, 1965). Hitler teria exortado que “After three and a half months’ fighting, you have created the necessary conditions to strike the last vigorous blows which should break the enemy on the threshold of winter” (CLARK, 1965). Finalmente a campanha acabaria.

Do lado soviético, a pausa seria essencial para a reorganização do esforço defensivo, porém suas consequências criariam um cenário de desarmonia e caos. Timoshenko não mais lideraria a defesa de Moscou. A liderança estava dividida, com Zhukov em seu “Front Reserva”, treinado durante o esforço protelativo, em Moscou. Yeremenko na defesa de Bryansk – cuja movimentação planejava um contra-ataque em Glukhov, justamente o eixo de ataque das forças blindadas de Guderian – e Koviev ao norte. Estes dois últimos eram os remanescentes das “Forças de Timoshenko”, que agora se encontrava na Ucrânia, reunindo forças para defendê-la em conjunto ao Cáucaso. Não somente isso, somaram-se à batalha também a quase totalidade das forças do Oriente, na fronteira com o Império Japonês. (CLARK, 1965) Fontes de inteligência teriam indicado a estabilidade Japonesa em qualquer esforço extra de guerra, garantindo assim aos Soviéticos a não abertura de um segundo frente ao leste. A qualidade das tropas de Apanasenko é digna de nota, muito também pela relativa proteção ao atrito de guerra, e continuidade nos trabalhos de adestramento. Deste modo, suas 25 divisões de infantaria e nove brigadas de tanques auxiliariam no balanço final do embate. (CLARK, 1965)

A batalha final da Operação Barbarossa se inicia. Em 3 dias Guderian atravessa a linha defensiva. Hoepner e Hoth também avançam. Em 24 horas as antigas forças de Timoshenko estão cercadas em dois bolsões, e o caminho para Moscou aparenta estar livre. Neste cenário desolador, um novo comandante é declarado para todo o Front, Georgi Zhukov. No dia 7 de outubro a primeira neve cai, tendo derretido logo no mesmo dia. Guderian teria requisitado roupas de inverno para seus combatentes. Requerimento prontamente descartado com o pedido do Alto Comando mandando-o “not to make further unnecessary requests of this type”. (CLARK, 1965)

Na segunda semana de batalha, Bryansk e Vyazma teriam caído, em conjunto à Orel, e Meschovsk. As forças Soviéticas teriam recuado para Kalinin e Mtsenk, onde os avanços blindados pareciam razoavelmente estancados. A grande fraqueza ao centro seria mitigada pelo fato de Hoepner segurar seu avanço, em função da defesa das tropas de infantaria que fariam o avanço final à Moscou, depois de que o movimento de pinças nos flancos fosse finalizado.

Ainda assim, Zhukov imaginava que qualquer avanço ao centro também seria pouco durador. Como Napoleão, à chegada do Inverno mudaria o campo de batalha de tal modo à tornar qualquer início de batalha em Moscou uma armadilha. (CLARK, 1965)

“There was six weeks before the onset of winter – Their last ally, which might yet succour them in their extremity. Each day that passed brought closer the time when the ice Wind, now gathering strenght over the Aral Sea, would sweep down over Siberia, across the steppe, through Moscow, and onto the Battlefield” (CLARK, 1965).

Em 14 de Outubro, Hoth avança sobre Kalinin e reativa a pressão enforcante sobre Moscou e Zhukov – na fase final da batalha. Seu posicionamento as margens do “Mar de Moscou” – Lago artificial ao rio Volga, criado para abastecer a cidade a 70 milhas de distância – revelaria novamente um enorme valor sobre o conhecimento geográfico em no campo de batalha. Pois em semanas o lago se congelaria por toda sua extensão de 50 milhas, e assim o que antes era um flanco defendido por uma barreira natural viraria uma planície gelada. Mas o Inverno ainda não havia chegado, e Zhukov ainda estava em situação precária. A “Terra Mãe” forçaria os esforços defensivos à mudarem de doutrina. Não mais poderiam os Russos ceder homens e terra em troca de tempo. Homem, Terra, e Tempo eram *pari passu* em suas escalas. (CLARK, 1965) No 19 de outubro Moscou teria declarado estado de sítio.

“This depair was grounded in the hopelessness of personal salvation from any quarter. It was the antithesis of the apathy and resignation that lay behind the French colapse in 1940. Then a people sacrificed their country and institutions for their own personal safety. The plesures of wine, adultery, and civilised conversation could, it seemed, be preserved simply by refusing to fight. But the Russians of 1941 knew these things only dimly. Privation and sacrifice were, and for centuries had been, their habitual condition; and now in the German invader they had a focus for all their misery and resentment. There was also a deeper inspiration to their resistance.

‘[...] We knew that we would die, of course. But our children would inherit two things: a land free of the invader; and Time, in which the progressive ideals of communism might emerge” (CLARK, 1965).

Zhukov somente necessitava de tempo. Ao norte e ao centro, mesmo após a queda de Kalinin, este teria certeza de sua capacidade em manter a defensiva adotando uma doutrina diferente da dos “Exércitos de Massa” da União Soviética, e o Império Tsarista antes dessa. As noites já eram longas, tendo 14 horas, e frias. Os avanços blindados de Hoth e Hoepner somente poderiam se dar durante as curtas 10 horas de fraco sol por dia. Não obstante, a floresta era densa, o que dificultava ainda mais a mobilidade das grandes colunas blindadas. Durante as noites, uma Cavalaria plantaria diversas minas nos terrenos a serem avançados. De dia a neve que caíra na noite anterior derreteria para tornar o terreno quase impervio à avanços (CLARK,

1965). O avanço seguia-se ao ritmo de uma caminhada, quando não era parado pelas tropas de infantaria que formavam e mantinham contra-ataques seguidos.



Figura 8: Operação Typhoon (POBEDITELI, 2005) modificado.

Após a guerra, Blumentritt teria confessado ao general britânico, Liddel Hart que:

“A ofensiva teve início com o grupo Panzer de Hoepfner, à esquerda. Seu progresso foi lento, por causa da lama e dos fortes contra-ataques russos. Nossas baixas foram pesadas. O tempo mudou então e piorou tudo, com a neve caindo no terreno alagado. Os russos contra-atacaram repetidas vezes, vindos do flanco congelado Moskwa, e Hoepfner tinha que empregar uma parte cada vez maior do seu efetivo para deter esses ataques. A 2ª divisão Panzer conseguiu penetrar o bastante para ter uma visão do Kremlin, mas teve de parar” (HART, 1980)

Ao sul é que estaria o maior problema, pois não haveria o mesmo tipo de cobertura natural que auxilia-se o esforço de ataque assimétrico adotado. Porém, restava a última Brigada de Tanques do Exército Vermelho (4ª), sob o comando de Katunov. Formada a partir de recrutas recém-treinados, e seus treinadores, e equipados com o superior T-34 (até então o melhor tanque no campo de batalha), esta brigada já havia escapado de dois cercos. O primeiro na queda de Kiev, pelo “azar” de terem se atrasado dois dias não poderem alcançar seu objetivo na mobilização – dentro do certo alemão. O segundo por uma questão de horas quando Guderian tomou o centro ferroviário de Orel. Agora, essa unidade sem experiência de combate deveria parar o avanço de um dos maiores expoentes da *Blitzkrieg* blindada alemã. Durante o avanço de Guderian sobre Tula em 6 de outubro, Katunov teria atacado pelo flanco a partir de Mtensk. A superioridade do T-34 se fez valer, causando fortes perdas aos nazistas. Porém a prudência determinou a não exploração desta oportunidade, com a subsequente retirada de Katunov para Mtensk. Ao 11 de outubro Guderian, após se reorganizar, teria forçado um avanço a esta cidade. Porém devido à incapacidade de se mover devido às más condições climáticas e a lama, este seria obrigado a tomar uma fina estrada de uma só pista até periferia de Mtensk. Era a oportunidade

que Katunov desejava. Ao pôr-do-sol, com a terra já congelada e portanto móvel para os tanques, este teria então atacado a coluna pelos flancos. A superiordade tática e tecnológica teria sido demais para as unidades de Guderian, que perderia todo o seu 4º Exército Panzer, parte importante de todas as suas forças. O avanço teria quase, se não, parado. Mas o frio continuava a aumentar.

“During the last three weeks of October weather conditions – heavy rain, snow showers, damp and penetrating mists – made movement almost impossible on two days out of three. Conditions varied along the arc of the German attack and added difficulties of co-ordinating the armored flanks with Kluge’s infantry mass in the centre. At the northern front [...] freezing temperatures would sometimes persist all day.[...] On such days a single battery, a hastily laid mine field in a defile between swampy woodlands, could hold up a whole Panzer corps.” (CLARK, 1965).

À Moscou haviam somente duas principais rodovias. O avanço não poderia se dar sobre terreno aberto devido ao frio e às ações assimétricas, e sobre as pequenas rodovias devido ao exemplo que fora fracasso de Guderian. O front estava congestionado. Porém no dia 15 de novembro, após a melhora do tempo, a ofensiva seria retomada. Na cidade de Orsha restava ao alto comando de guerra apenas uma decisão: Deveriam eles adotar a prudência e adotar posições defensivas de inverno, ou procurar explorar uma aparente fraqueza soviética – baseada em dados de inteligência já provados enumeramente errados? A decisão teria sido tomada por Hitler. O avanço continuaria. As forças aproveitariam este momento para se reorganizarem, pois até o dia 30 de novembro a ofensiva daria seu empurro final.

Seria em 30 de novembro que Stalin aprovaria o plano de uma contraofensiva de Inverno por Zhukov. As tropas do Oriente finalmente teriam terminado seu realocamento em Moscou, sem o conhecimento dos alemães, e um novo desenho defensivo se fazia no mapa do conflito. Além disso, um novo reforço viria para virar o jogo: As tropas siberianas que também estavam em realocamento, agora nas “costas” de Moscou. Prevendo o ataque em pinça do alemães, Zhukov em conjunto com o general Shaposhnikov, inicialmente segurariam os flancos dispondo uma forte linha defensiva. Aos siberianos, apenas a paciência ao ver as forças de Guderian e Hoth se exaurirem ao se aproximarem à Moscou. Os avanços continuariam lentos e custosos até o dia 27 de novembro, quando Goebbels teria finalmente declarado que “Weather conditions have entailed a temporary halt in the advance” (CLARK, 1965). Era hora de se reagrupar. Para um último esforço.

Ao norte e ao sul, os soviéticos atacaram. Especialmente em um esforço de liberar Leningrado. Era a última semana de batalha. Os alemães procuravam continuar seus ganhos, porém o equipamento não mais funcionava. As armas automáticas disparavam tiros únicos

(CLARK, 1965; DAVIES, 2009). E os soldados não tinham a proteção necessária para o inverno. Em dezembro eles teriam alcançado o canal Moscou-Volga, ao norte, e o rio Oka, no sul. E foi em 5 de dezembro, após uma forte nevasca que derrubou a temperatura para os 40° negativos, que as forças siberianas atacaram (DAVIES, 2009).

Havia chegado o General Inverno. No mesmo dia a notícia do ataque à Pearl Harbor corre o mundo. Depois desse dia, nunca mais as forças alemãs tiveram Moscou em sua vista, tanto estratégica quanto nos famosos binóculos das unidades de Hoth que teriam avistado as torres do Kremlin. A Barbarossa havia acabado, e o resultado era bem menos feliz para os Alemães quanto parecia.



Figura 9: Avanço final de toda Operação Barbarossa (WIKIMEDIA COMMONS, 2005)

6. ANÁLISE E CONSIDERAÇÕES FINAIS

6.1. A Geopolítica Alemã e sua aplicação Militar.

Ressurgem agora algumas questões neste trabalho, já apresentadas devidamente nas porções introdutórias, e prenunciadas nas porções de desenvolvimento. A primeira se dá ao relacionar os conhecimentos que embasavam a sociedade nazista, seus objetivos, e sua decisão em atacar a União Soviética. Seria esta escolha a correta? Talvez seja até mais importante se indagar SE a Alemanha necessitava de uma guerra expansionista. E a resposta dessa questão não é necessariamente simples.

No contexto globalizado, de um século XXI onde as fronteiras econômicas se enfraquecem, de uma Europa cada vez mais unida – apesar de recentes movimentos centrífugos – e um comércio capitalista quase irrestrito e desconectado territorialmente, a resposta para essa questão é óbvia. Nunca que a Alemanha necessitaria de uma expansão territorial para garantir seu pleno acesso às bases de sua reprodução social – seja econômica ou simplesmente em sua produção alimentícia, garantindo o sentido “humanitário” que Haushofer defendia com sua visão malthusiana de território (COSTA, 2010). Com certeza uma economia de incrível capacidade industrial e inovativa no sentido científico tecnológico, teria a capacidade de se posicionar competitivamente em privilégio em um mundo de fronteiras delimitadas em tracejado, e não mais a grossa linha do século XX. Mas o contexto histórico era outro. Os impérios europeus ainda não teriam caído – necessitando justamente o realinhamento de poderes da Segunda Guerra Mundial para este feito – e nem mesmo o conflito Leste-Oeste teria tido seu início para finalmente surgir um capitalismo triunfante ao fim da Guerra Fria, capaz de dissolver fronteiras à seu bel prazer. É injusto e indevido fazer esse tipo de transferência histórica, apesar de soar interessante imaginar uma aliança pan-europeia na primeira metade do século XX contrária à uma dinâmica de mudança da gravidade de poder global para dois polos à seus extremos. De qualquer forma, o exercício deste “E se”, por mais interessantes que possa ser, é irrelevante à uma análise deste objeto.

A análise deve ser restrita aos valores e ideais de seu contexto histórico, e neste o comércio irrestrito do fim do século XX não seria uma possibilidade. O que era real seria justamente a territorialidade das ligações produtivas, ainda mais com uma potência regional de caráter marítimo que exerceria sua força de forma hegemônica – o Império do Reino Unido. Isto aliado

à um Estados Unidos emergente em sua projeção de poder marítimo, e um Japão tomando o Leste, não traria muito espaço para o comércio global.

Restaria a via terrestre. E neste sentido, as limitações alemãs eram claras. A Alemanha Guilhermina já teria sentido a pressão de suas limitações em sua base de produção aos idos da Primeira Guerra Mundial. Na Segunda, com os “espólios” de um conflito perdido, o território da República estaria reduzido e fragmentado (ELIAS, 1997). Não venho neste trabalho justificar nenhum esforço de guerra sanguinolento e deplorável, porém me forço a indicar que graças aos desejos e anseios expansionistas em todo o continente, às limitações comerciais dadas pelos modelos políticos da época, e por fim ao tratamento dado ao Território alemão, estaria claro que uma guerra regional se não necessária, definitivamente seria *Inevitável*.

Enquanto as escolhas porém, acredito que a discussão ganha menos certeza. Seguindo a doutrina de Haushofer, o necessário à “nação alemão” – tomando o cuidado que o termo exige, entendendo seu uso no contexto histórico – seria garantir a unidade do povo germânico sob um Estado. Um só território contíguo (COSTA, 2010). Este esforço já estaria alcançado aos idos de 1940, com a derrota francesa – E belga, holandesa, dinamarquesa, norueguesa e polonesa, além das anexações da Áustria e Checoslováquia. Em realidade, esta unidade já teria sido até mesmo superada, tomando porções de um espaço ocupado por outros povos de base latina e eslava – o que claramente pode achar respaldo na dinâmica central, “de fronteira” do povo alemão, que por seu continuo contato histórico com diversos povos teria sido tributário de híbridos de caráter centrífugos (cultural, político e socialmente), que em um outro movimento no balanço de poder poderiam ser observado como base para um expansionismo oportunista. O Império Alemão pensado por Haushofer estaria estabelecido, militarmente, e somente haveria a necessidade de arrefecer os ânimos da potência marítima do Reino Unido. O modo para tanto seria a diplomacia e a ameaça. Ameaça esta sediada em um esforço diplomático de formalizar uma aliança com a Rússia e Japão, garantindo o que este determinaria “Bloco Euroasiático”, impenetrável a seus esforços (COSTA, 2010). Outros esforços diplomáticos posteriores garantiriam a paz e a emergência da Alemanha como uma das potências globais de força terrestre capazes de tanto satisfazer suas necessidade internas como botar peso na balança global de poder.

Mas não teria sido isto o efetivado. A realidade da política entre os atores do palco global costuma ser bem menos racional do que as confabulações de um acadêmico-militar. Na realidade haveria uma outra força concreta que forçaria o III Reich Alemão à observar a União Soviética com outros olhos. O medo.

Pois é inevitável que uma força tão gigantesca de poder colocassem receio nas mentes de qualquer liderança política da época. Ainda mais se tomarmos a centralidade que os escritos de Haushofer e Mackinder teriam no pensamento político de sua época. Sob esses pensadores, era quase que quantificável o imenso poder latente deste Estado. Mais preocupante ainda seria sua “missão” como órgão político – a Revolução. Uma revolução de base social, cujos elementos revolucionários – alemães – dormiam sob a tutela do mesmo Estado que procurava acordos diplomáticos com estes comunistas. Uma revolução de contiguidade territorial que procuraria engolir todo o globo, assim como o capitalismo triunfante o faria décadas mais tarde, com a morte deste Estado. Um aliado com enorme poder e uma missão tão antagônica não é nenhum aliado. É um potencial inimigo, esperando o momento certo, de fraqueza, para atacar. E a Águia de duas cabeças Alemã não teria a oportunidade de refrear sua preocupação à Oeste. Os bombardeios e os esforços diplomáticos teriam sido em vão. É possível até mesmo fazer uso de um outro “E Se” histórico e se perguntar se uma missão diplomática de Rudolph Hess (aprendiz de Haushofer) ao Reino Unido em busca de uma paz negociada fosse furtiva, haveria a necessidade de um confronto à Leste? Nunca saberemos. Mas é interessante imaginar que este fino balanço de poder poderia modificar todo o cenário da guerra.

Dentro do contexto político, social e militar, fica evidente que uma confrontação com a União Soviética era também inevitável. Resta então discutir se as escolhas estratégicas para a progressão germânica sob as terras comunistas foram acertadas pensando em seus objetivos político-estratégicos. Se os três eixos de avanço, gravitando nas cidades de Leningrado, Moscou e Kiev, seriam as verdadeiras formas de se realizar o esforço de guerra, almejando a vitória.

Uma coisa é clara no desenvolvimento da doutrina Alemã acerca do enfrentamento contra os Soviéticos. Diferentemente das guerras continentais à Oeste, a vitória não deveria ser Total no sentido territorial. Mesmo a França mantendo parte de sua Territorialidade deveria se posicionar de forma subalterna às forças Alemãs – garantindo se não um pleno Domínio deste Espaço, com certeza uma Influência muito de amplitude a grau fortísimos. Esta modalidade de ataque aos Russos era impensável e insonhada pelos Alemães. A doutrina de defesa Russa era muito bem conhecida desde os tempos de Napoleão, onde “Quando recuamos/Significa que avançamos”¹², e imaginar realizar este esforço contra o Urso Russo por todos 22 milhões de quilômetros quadrados de território seria insano. Especialmente enquanto à Oeste o Leão Inglês e a Águia Americana se preparavam para novos desenvolvimentos no conflito, Territorialmente

¹² Em referência à famosa música de Igor Rasteryaev – “A Estrada Russa” – que indicaria o tamanho do esforço excruciante de derrotas e fracassos que este se subjugavam, almejando a vitória final em Berlim. Uma cópia está presente nos Anexos.

esta seria uma Guerra restrita, justamente na porção “europeia” deste grande império euroasiático. Mas seria por aí que a restrição ao conflito acabaria, talvez justamente devido à necessidade de se realizar um conflito limitado territorialmente.

A ação de guerra não exerceria somente uma violência quase sem precedentes, mas também teria que a realizar em um tempo e ritmo assustadores. A intenção clara era de terminar o conflito com a conquista virtualmente simultânea das três cidades no recorte de três meses (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 1957). Esta grande vitória daria o fim ao conflito, ao determinar a aquiescência soviética ao “nosso desejo” sobre o “deles” de manter sua integridade territorial – limitando suas futuras capacidade de realizar a guerra e imaginar uma revanche, neutralizando a ameaça do urso. Porções do território soviético seriam tomadas sem se quer terem sofrido o desgaste de serem palco de conflitos. Se este era o objetivo político do regime nazista, então tomo a posição que suas escolhas estratégicas foram acertadas. Pois a violência, agindo da forma planejada, agiria sobre todas as esferas da sociedade soviética – Cultural-Histórica, Política, Administrativa, Militar, Econômica e Social – provando estar se aprofundando em todo espectro da amplitude de poder possível. Não somente isso, seria total ao almejar destruir todos os elementos verdadeiramente Soviéticos, e mesmo Russos, deste limitado recorte territorial – indicando também o grau exagerado da relação de poder indicada sobre, não um agrupamento militar específico, mas toda a sociedade soviética. Aos alemães o essencial é esfacular estas relações sociais mediadas e projetadas no território, a fim de esfacular a própria sociedade soviética. As intervenções territoriais se tornam objeto de uma política expansionista e imperialista, que procura desconstruir elementos como a própria noção de pertencimento à sociedade soviética, e estabelecer o domínio pleno não somente do espaço que compõe o território soviético, mas toda a sociedade que lhe dá vida. A violação territorial sozinha não define isso. Mas o modo em que esta interação foi dada permitiu que o tecido social, que dá nexos às estruturas soviéticas, fosse rompido. Não há dominação, ou qualquer outra forma de poder, de um Estado sobre a sociedade e o espaço se não existe mais a aquiescência desta sociedade à seus mandos, como bem colocaram BACHRACH e BARATZ (1983). Deste modo, do vácuo de poder e do império da violência da máquina nazista no espaço Soviético, floresce o projeto geopolítico alemão. Esclarecendo, apesar de a violência poder significar a ausência de poder, a violência à porções da institucionalidade de um Estado, signos e marcos significativos de uma sociedade e sua base produtiva, podem sim construir uma relação de poder direto sob a sociedade que se constrói por essas bases. Este esforço seria definitivamente a melhor chance deste criminoso regime de alcançar seus objetivos.

A grande felicidade neste momento reside no fato de que, apesar de acertados nos planos estratégicos, definitivamente estes tomaram decisões erradas no plano endógeno, nas decisões políticas internas de como se realizar estes objetivos. Não chego a indicar que a Tática estaria errada, pois a execução em escala aproximada, a *Blitzkrieg*, seria formidável neste esforço asqueroso de terror civil e conquista militar. Mas parte das decisões acerca do balanço de forças atuantes, tributários também da sempre ignóbil subestimação das forças russas, além do “tempo” de ataque – tarde demais e sem nenhuma “zona de segurança” – e a falta de compreensão do quadro logístico e das dinâmicas climáticas regionais, garantiram que a ação não pudesse se realizar plenamente, ainda mais dentro do quadro de tempo requerido.

O primeiro erro indicado seriam as forças. Posso argumentar que a duração e incapacidade de resolver o cerco à Leningrado seja um bom exemplo, mas o verdadeiro grande erro se monta nos outros dois frentes e suas dificuldades. Kiev somente seria cercada e tomada após o auxílio de um agrupamento de exércitos de 600 mil homens destinados ao esforço da tomada de Moscou – que teve de ser jogada à segundo plano depois desse reposicionamento. Imaginando, em um outro cenário de “E se” histórico, que este frente Sul já tomassem como parte de suas forças um agrupamento de exércitos deste porte, seria possível imaginar que Kiev caísse independentemente? Uma boa argumentação reside no posicionamento estratégico deste agrupamento de exércitos do Fronte Central além dos pântanos de Pripet. Este posicionamento com certeza teria auxiliado às forças blindadas e motorizadas de Guderian a executar sua parte da pinça e assim garantir o cerco e queda de Kiev. Porém este movimento também poderia, talvez de forma menos eficaz, ser replicado ao sul dos pântanos, além de dar respaldo às forças de Rundstedt na região. Uma força equivalente à de Guderian ao local poderia sim ter o mesmo tipo de resultado, talvez até mesmo mais cedo, sem o custo de atrasar o esforço de guerra no Fronte Central. Ao contrário, caso Kiev caísse antes de Moscou, o mais provável, o próprio avanço central poderia ganhar um auxílio vital para sua execução em tempo, em uma progressão que tomasse um desenho similar à Operação Júpiter, porém reforçada em números e talvez até mesmo moral, momento e iniciativa. Talvez o que faltasse ao Estado Nazista fossem apenas 600 mil homens.

O quadro logístico soviético não era dos mais ricos em vias pavimentadas, e o solo argiloso ao oeste definitivamente não era uma arma nas mãos dos alemães. Pois sua ação era baseada na velocidade de sua agressão. Um quadro logístico como o francês com certeza ajudaria em muito que os momentos principais do conflito se resolvessem em uma janela de 21 dias, do início do conflito à oeste até o fim do encercamento com metade das forças francesas em Dunquerque e

subsequente abertura de Paris para forças inimigas. Mas na União Soviética, as estradas eram rudimentares e o equipamento motorizado, mecanizado e blindado não estava preparado à esta realidade. Além disso, existiam dois fenômenos naturais que ajudariam a complicar ainda mais a logística – parte do terceiro grande erro: O sempre lembrado General Inverno, que viria até mesmo mais cedo naquele ano, mas também o “Coronel” *Rasputitsa* – A lama de outono que surgiria da confluência de eventos climáticos com o inóspito solo russo, que posto nestes termos parece construir uma grande ironia com a teoria Ratzeliana. O segundo especialmente auxiliaria, e muito, no atraso das forças alemãs, garantindo assim a oportunidade para que o primeiro pudesse acordar de sua secular hibernação para novamente salvar o povo russo. Talvez se o ataque fosse mais cedo e evitasse essas considerações naturais, ou ao menos as reduzissem, o resultado da Operação Barbarossa fosse outro.

6.2. Considerações finais.

Tomo este espaço final como uma última oportunidade de realizar uma discussão de cunho teórico. Foi defendido neste trabalho uma noção de território que tomou como bases uma noção espacial principalmente militar, uma noção de território pautada em uma fecunda relação entre espaço e poder de SOUZA (2009), e uma discussão de poder entre WEBER (2001) e BACHRACH e BARATZ (1983). O uso desta articulação é reconhecidamente não tão ortodoxa, porém necessária devido à natureza do Objeto: necessariamente um recorte tão espacial quanto temporal, além de abarcar diversas sociedades e como elas reagiriam em frente da violência da ação de guerra. Portanto o autor deve tomar consciência deste esforço e procurar responder se sua articulação foi suficiente para responder as demandas aplicadas pelo Objeto. E francamente, tenho certeza de que sim.

Este Território procura se aproximar à ortodoxia da Geografia Política, tão próxima à discussões acerca das relações internacionais entre Estados e seus Domínios Espaciais. Mas procura romper com esta à procurar abarcar mais elementos da sociedade que o compõe, ou então entende-los sob outro escopo. O Território surge então como ponto aberto para ataques inimigos, não mais procurando somente usurpar mais e mais meios de produção e matérias-primas, sem nunca negligenciar esta esfera, mas também para atuar em busca da dissolução do tecido social de projetos antagônicos no cenário de hegemonias mundial. O Território se torna um dos nexos para a existência destas sociedades. Desamarrar os nós que o constituem e legitimam se torna então algo basilar para um verdadeiro redesenho dos mapa-mundi e da

ordem social global. (SOUZA, 2000)

Deste modo minha hipótese se encerra na perspectiva de que as intervenções territoriais se provam muito mais do que simples ação bestial de violência dirigida a um objetivo material que é tomado de outras nações à força feito uma criança tomando o doce de outra mais fraca. Além desta visão simplificada da guerra, imagino que estas intervenções se demonstram instrumentais à outros objetivos de escala muito maior, em um cenário sistêmico social global. A constatação e, espero, comprovação deste fato seria instrumental a este pesquisador em outro intuito: Entender a própria natureza do Território. Penso que é observando os componentes que desmantelam este e o desconstrói que é possível se pensar em novos, e rever velhos, pontos de discussão sobre o que ele definitivamente é.

Assim, acredito que este estudo de Geografia Militar, pautado na Ciência Militar, Geografia Política, Ciência Política e História, pôde compreender o objeto devidamente dentro do escopo proposto. Foi articulado uma concepção de território em cima desta base científica que auxiliou na compreensão devida das diversas esfera da sociedade que se articulavam no período de guerra, e de como esta articulação era até mesmo parte de um planejamento de conquista, mesmo que não com o pleno conhecimento de todas as suas reverberações.

7. BIBLIOGRAFIA

- BACHRACH, P.; BARATZ, S. M. Poder e decisão. In: CARDOSO, F. H.; MARTINS, C. E. **Política & Sociedade**. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, v. 1, 1983.
- BAUER, E. **A História Polêmica da Segunda Guerra Mundial**. [S.l.]: Europa-America, v. 3, 1995.
- BERTONHA, J. F. **Patton: o herói polêmico da segunda guerra**. São Paulo: Contexto, 2011.
- BOBBIO, N. **Dicionário de Política**. 13ª. ed. Brasília: UNB, 2010.
- CLARK, A. **Barbarossa**. New York: William Morrow, 1965.
- CLAUSEWITZ, C. V. **Da Guerra**. São Paulo, SP: Perspectivas e Realidades, 1979.
- COGGIOLA, O. **Segunda Guerra Mundial: Um Balanço Histórico**. São Paulo: Xamã, 1995.
- COSTA, W. M. D. **Geografia Política e Geopolítica: Discursos sobre o Território e o Poder**. São Paulo: Edusp, 2010.
- DAVIES, N. **Europa na Guerra: 1939-1945**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009.
- DEAR, I. C. B. (Ed.). **The Oxford Companion to the Second World War**. Oxford: Oxford University Press, 1995.
- DEPARTMENT OF WARCRAFT HISTORY - FRUNZE MILITARY ACADEMY. **POBEDITELI**, 2005. Disponível em: <<http://english.pobediteli.ru/flash.html?DR=0>>. Acesso em: 15 Outubro 2015.
- DINER, D. Knowledge of expansion: on the geopolitics of Karl Haushofer. In: _____ **Beyond the conceivable: Studies on Nazism, Germany and the Holocaust**. Berkeley: University of California Press, 2000.
- DUPUY, T. N. **The military history of World War II**. New York: F. Watts, 1962.
- ELIAS, N. **Os Alemães**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- ELLIS, J. **The World War Two Databook**. Londres: Penguin Books, 1993.
- ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. **“Führer’s Directive” (December 18, 1940)**. Washington: United States Government Printing Office, 1957.
- EVANS, R. J. **A Chegada do Terceiro Reich**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.
- EVANS, R. J. **O Terceiro Reich no Poder**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.
- EVANS, R. J. **O Terceiro Reich em Guerra**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2012.
- FERRO, M. **História da Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Ática, 1995.
- FRIESER, K.-H. **The Blitzkrieg Legend: The 1940 Campaign in the West**. Anapolis: Naval Institute Press, 2005.
- FULLBROOK, M. **História Concisa da Alemanha**. São Paulo: Edipro, 2012.

GERMAN PROPAGANDA ARCHIVE - CALVIN COLLEGE. Goebbels' 1943 Speech on Total War. **German Propaganda Archive**, 1998. Disponível em: <<http://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/goeb36.htm>>. Acesso em: 08 fev. 2016.

HANDEL, M. I. **Clausewitz and modern strategy**. [S.l.]: Psychology Press, 1986.

HART, L. **O outro lado da Colina**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.

HAUSHOFER, K. **De la géopolitique**. Paris: Fayard, 1969.

HELLER, H. **A Teoria do Estado**. [S.l.]: Editora Mestre Jou, 1968.

HILL, A. British Lend-Lease Aid and the Soviet War Effort, June 1941-June 1942. **The Journal of Military History**, July 2007. 773-808.

HOBBSBAWN, E. **Nações e Nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

KEEGAN, J. **Uma história da Guerra**. [S.l.]: Companhia de Bolso, 2006.

KÜBLER-ROSS, E. **On Death and Dying**. [S.l.]: Routledge, 1969.

LUKÁCS, G. **The theory of the novel: a historico-philosophical essay on the forms of great epic literature**. Cambridge: The Mit Press, 1975.

MACKINDER, H. J. The Geographical Pivot of History. **The Geographical Journal**, v. XXIII, n. 4, 1904.

MACKINDER, H. J. **Democratic Ideal and Reality**. 3. ed. New York: Henry Holt and Company, 1942.

MASSON, P. **A Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

MCINNIS, E. **A História da II Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Globo, 1967.

MELLO, L. I. A. **Quem tem medo da Geopolítica?** São Paulo: Hucitec, 1999.

MENDEL, E. **O Significado da Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Ática, 1989.

NELSON, H. Space and Time in On War. In: HANDEL, M. I. **Clausewitz and Modern Strategy**. [S.l.]: Frank Class & Co. Ltd., 1986. p. 134-149.

NEWLAND, S. J. Blitzkrieg in retrospect. **Military Review**, p. 86+, July-Aug 2004.

OMNIATLAS. Historical Map of Europe (21 June 1941) | Omniatlas. **OMNIATLAS**, 2011. Disponível em: <<http://omniatlas.com/maps/europe/19410621/>>. Acesso em: 15 Fevereiro 2016.

OVERY, R. **Russia's War**. London: Penguin, 1997.

POBEDITELI. **POBEDITELI**, 2005. Disponível em: <<http://english.pobediteli.ru/about.html>>. Acesso em: 08 fev. 2016.

RAPOPORT, A. Prefácio de "Da Guerra". In: CLAUSEWITZ, V. C. **Da Guerra**. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

RATZEL, F. O Solo, a Sociedade e o Estado. **Revista do Departamento de Geografia - FFLCH-USP**, São Paulo, n. 2, 1983.

RYAN, J. G. **Historical dictionary of the 1940s**. New York: Routledge, 2015.

SOUZA, M. J. L. D. Território: sobre espaço e o poder, autonomia e desenvolvimento. In: GOMES, P. C. D. C.; CASTRO, I. E. D.; CORRÊA, R. L. **Geografia: Conceitos e Temas**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

WEBER, M. **Economia & Sociedade**. Brasília: UNB, v. 2, 2001.

WIKIMEDIA COMMONS. Eastern Front 1941-06 to 1941-12. **Wikimedia Commons**, 2005. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Eastern_Front_1941-06_to_1941-12.png>. Acesso em: 08 Fevereiro 2016.

WIKIMEDIA COMMONS. Polesia map - topography. **Wikimedia Commons**, 02 Maio 2014. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/File:Polesia_map_-_topography.jpg>. Acesso em: 02 Fevereiro 2016.

YALE LAW SCHOOL. **The Avalon Project**: Documents in Law, History and Diplomacy, 2008. Disponível em: <http://avalon.law.yale.edu/subject_menus/nazsov.asp>. Acesso em: 14 Outubro 2015.

ANEXOS

FÜHRER DIRECTIVE 21 – ADOLF HITLER

The Fuehrer and Commander-in-Chief of the German Armed Forces

OKW/WFSt./Abt.L(I) Nr. 33 408/40 gK Chefs.

SECRET

The Fuehrer's Headquarters

18 December 40

(only through officer)

9 copies, 4th copy

Directive Nr. 21

Case Barbarossa

The German Wehrmacht must be prepared to crush Soviet Russia in a quick campaign (Operation Barbarossa) even before the conclusion of the war against England.

For this purpose the Army will have to employ all available units, with the reservation that the occupied territories must be secured against surprises.

For the Air Force it will be a matter of releasing such strong forces for the eastern campaign in support of the Army that a quick completion of the ground operations can be counted on and that damage to eastern German territory by enemy air attacks will be as slight as possible. This concentration of the main effort in the East is limited by the requirement that the entire combat and armament area dominated by us must remain adequately protected against enemy air attacks and that the offensive operations against England, particularly against her supply lines, must not be permitted to break down.

The main effort of the Navy will remain unequivocally directed against England even during an eastern campaign.

I shall order the concentration against Soviet Russia possibly 8 weeks before the intended beginning of operations.

Preparations requiring more time to get under way are to be started now - if this has not yet been done - and are to be completed by 15 May 1941.

It is of decisive importance, however, that the intention to attack does not become discernible.

The preparations of the High Commands are to be made on the following basis:

I. General Purpose:

The mass of the Russian Army in western Russia is to be destroyed in daring operations, by driving forward deep armored wedges, and the retreat of units capable of combat into the vastness of Russian territory is to be prevented.

In quick pursuit a line is then to be reached from which the Russian Air Force will no longer be able to attack the territory of the German Reich. The ultimate objective of the operation is to establish a cover against Asiatic Russia from the general line Volga-Archangel. Then, in case of necessity, the last industrial area left to Russia in the Urals can be eliminated by the Luftwaffe.

In the course of these operations the Russian Baltic Sea Fleet will quickly lose its bases and thus will no longer be able to fight.

Effective intervention by the Russian Air Force is to be prevented by powerful blows at the very beginning of the operation.

II. Probable Allies and their Tasks:

1. On the wings of our operation the active participation of Romania and Finland in the war against Soviet Russia is to be expected.

The High Command will in due time arrange and determine in what form the armed forces of the two countries will be placed under German command at the time of their intervention.

2. It will be the task of Romania to support with selected forces the attack of the German southern wing, at least in its beginnings; to pin the enemy down where German forces are not committed; and otherwise to render auxiliary service in the rear area.

3. Finland will cover the concentration of the German North Group (parts of the XXI Group) withdrawn from Norway and will operate jointly with it. Besides, Finland will be assigned the task of eliminating Hanko.

4. It may be expected that Swedish railroads and highways will be available for the concentration of the German North Group, from the start of operations at the latest.

III. The Conduct of the Operations:

A.) Army (in approbation of the intentions submitted to me):

The area of operations is divided into southern and northern halves by the Pripet Marshes. The point of main effort will be made in the northern half. Here two army groups are to be committed.

The southern of these two army groups - in the center of the whole front - will have the task of breaking out the area around and to the north of Warsaw with exceptionally strong armor and motorized formations and of destroying the enemy forces in White Russia. This will create a situation which will enable strong formations of mobile troops to swing north; such formations will then cooperate with the northern army group - advancing from East Prussia in the general direction of Leningrad - in destroying the enemy forces in the area of the Baltic states. Only after the accomplishment of these offensive operations, which must be followed by the capture of Leningrad and Kronstadt, are further offensive operations to be initiated with the objective of occupying the important center of communications and of armament production, Moscow.

Only a surprisingly rapid collapse of the Russian ability to resist could justify an attempt to achieve both objectives simultaneously.

The primary task of Group XXI, even during the eastern operations, remains the protection of Norway. Forces available other than those needed for this task (Mountain Corps) will first of all be used to protect the Petsamo area and its mines together with the Arctic road, and will then advance, in conjunction with Finnish forces, against the Murmansk railway and will cut the Murmansk area's land supply routes.

Whether an operation of this nature can be carried out by stronger German forces (two to three Divisions) coming from the area of Rovaniemi and to the south is dependent on Sweden's willingness to make the Swedish railways available for such a move.

The mass of the Finnish army will have the task, in accordance with the advance made by the northern wing of the German armies, of tying up maximum Russian strength by attacking to the west, or on both sides, of Lake Ladoga. The Finns will also capture Hanko.

The army group south of the Pripet Marshes will make its point of main effort from the Lublin area in the general direction of Kiev, with the object of driving into the deep flank and rear of the Russian forces with strong armored formations and of then rolling up the enemy along the Dnieper. The German-Romanian group on the right flank will have the task of protecting Romanian territory and thus of covering the southern flank of the whole operation; in coordination with the attack by the northern of Army Group south of tying up the enemy forces on its sector of the front; then, as the situation develops, of launching a second thrust and thus, in conjunction with the air force, of preventing an orderly enemy withdrawal beyond the Dniester.

Once the battle south or north of the Pripet Marshes have been fought, the pursuit is to be undertaken with the following objectives:

In the south the rapid occupation of the economically important Donetsk Basin, in the north the speedy capture of Moscow. This city is a political and economical center, and is a main railway junction point.

B.) Air Force:

It will be the task of the Air Force, so far as possible, to damage and destroy the effectiveness of the Russian air force, and to support the operations by the army at the points of main effort, that is to say in the sectors of the central army group and in the area where the southern army group will be making its main effort. The Russian railways will either be destroyed, or, in the case of more important objectives close to hand (river crossings!) will be captured by the bold use of parachute and airborne troops.

In order that maximum forces may be available for operations against the enemy air force and for direct support of the army, the munitions industry will not be attacked while the major

operation is in progress. Only after the conclusion of the mobile operations will such attacks, and in particular attacks against the industrial area of the Urals, be considered.

C.) Navy:

During the war with Soviet Russia it will be the task of the Navy to protect the German coast line and to prevent any hostile naval force from breaking out of the Baltic. Since once Leningrad has been reached the Russian Baltic fleet will have lost its last base and will thus be in a hopeless position, major naval operations are to be previously avoided.

After the destruction of the Russian fleet it will be the responsibility of the Navy to make the Baltic fully available to carrying sea traffic, including supplies by sea to the northern wing of the Army (Minesweeping!)

IV. All orders to be issued by the Commanders in Chief on the basis of this directive must clearly indicate that they are precautionary measures for the possibility that Russia should change her present attitude toward us. The number of officers to be assigned to the preparatory work at an early date is to be kept as small as possible; additional personnel should be briefed as late as possible and only to the extent required for the activity of each individual. Otherwise, through the discovery of our preparations - the date of their execution has not even been fixed - there is danger that most serious political and military disadvantages may arise.

V. I anticipate further conferences with the Commanders-in-Chief concerning their intentions as based on this directive. Reports on the progress made in the proposed preparations by all services of the armed forces will be forwarded to me through the Armed Forces High Command.

[Signed] A. Hitler

Discurso de Stalin

Comrades! Citizens! Brothers and sisters! Men of our army and navy! I am addressing you, my friends!

The perfidious military attack on our Fatherland, begun on June 22nd by Hitler Germany, is continuing.

In spite of the heroic resistance of the Red Army, and although the enemy's finest divisions and finest airforce units have already been smashed and have met their doom on the field of battle, the enemy continues to push forward, hurling fresh forces into the attack.

Hitler's troops have succeeded in capturing Lithuania, a considerable part of Latvia, the western part of Byelo-Russia, part of Western Ukraine. The fascist airforce is extending the range of operations of its bombers, and is bombing Murmansk, Orsha, Mogilev, Smolensk, Kiev, Odessa and Sebastopol.

A grave danger hangs over our country.

How could it have happened that our glorious Red Army surrendered a number of our cities and districts to fascist armies? Is it really true that German fascist troops are invincible, as is ceaselessly trumpeted by the boastful fascist propagandists? Of course not!

History shows that there are no invincible armies and never have been. Napoleon's army was considered invincible but it was beaten successively by Russian, English and German armies. Kaiser Wilhelm's German Army in the period of the first imperialist war was also considered invincible, but it was beaten several times by the Russian and Anglo-French forces and was finally smashed by the Anglo-French forces.

The same must be said of Hitler's German fascist army today. This army had not yet met with serious resistance on the continent of Europe. Only on our territory has it met serious resistance. And if, as a result of this resistance, the finest divisions of Hitler's German fascist army have been defeated by our Red Army, it means that this army too can be smashed and will be smashed as were the armies of Napoleon and Wilhelm.

As to part of our territory having nevertheless been seized by Germany fascist troops, this is chiefly due to the fact that the war of fascist Germany on the USSR began under conditions favorable for the German forces and unfavorable for Soviet forces. The fact of the matter is that the troops of Germany, as a country at war, were already fully mobilized, and the 170 divisions hurled by Germany against the USSR and brought up to the Soviet frontiers, were

in a state of complete readiness, only awaiting the signal to move into action, whereas Soviet troops had still to effect mobilization and move up to the frontier.

Of no little importance in this respect is the fact that fascist Germany suddenly and treacherously violated the Non-Aggression Pact she concluded in 1939 with the USSR, disregarding the fact that she would be regarded as the aggressor by the whole world.

Naturally, our peace-loving country, not wishing to take the initiative of breaking the pact, could not resort to perfidy.

It may be asked how could the Soviet Government have consented to conclude a Non-Aggression Pact with such treacherous fiends as Hitler and Ribbentrop? Was this not an error on the part of the Soviet Government? Of course not. Non-Aggression Pacts are pacts of peace between states. It was such a pact that Germany proposed to us in 1939.

Could the Soviet Government have declined such a proposal? I think that not a single peace-loving state could decline a peace treaty with a neighboring state, even though the latter was headed by such fiends and cannibals as Hitler and Ribbentrop. Of course only on one indispensable condition, namely, that this peace treaty does not infringe either directly or indirectly on the territorial integrity, independence and honor of the peace-loving state. As is well known, the Non-Aggression Pact between Germany and the USSR is precisely such a pact.

What did we gain by concluding the Non-Aggression Pact with Germany? We secured our country peace for a year and a half, and the opportunity of preparing its forces to repulse fascist Germany should she risk an attack on our country despite the Pact. This was a definite advantage for us and a disadvantage for fascist Germany.

What has fascist Germany gained and what has she lost by treacherously tearing up the pact and attacking the USSR?

She has gained a certain advantageous position for her troops for a short period, but she has lost politically by exposing herself in the eyes of the entire world as a blood-thirsty aggressor.

There can be no doubt that this short-lived military gain for Germany is only an episode, while the tremendous political gain of the USSR is a serious lasting factor that is bound to form the basis for development of decisive military successes of the Red Army in the war with fascist Germany.

That is why our whole valiant Red Army, our whole valiant Navy, all our falcons of the air, all the peoples of our country, all the finest men and women of Europe, America and Asia,

finally all the finest men and women of Germany—condemn the treacherous acts of German fascists and sympathize with the Soviet Government, approve the conduct of the Soviet Government, and see that ours is a just cause, that the enemy will be defeated, that we are bound to win.

By virtue of this war which has been forced upon us, our country has come to death-grips with its most malicious and most perfidious enemy—German fascism. Our troops are fighting heroically against an enemy armed to the teeth with tanks and aircraft.

Overcoming innumerable difficulties, the Red Army and Red Navy are self-sacrificingly disputing every inch of Soviet soil. The main forces of the Red Army are coming into action armed with thousands of tanks and airplanes. The men of the Red Army are displaying unexampled valor. Our resistance to the enemy is growing in strength and power.

Side by side with the Red Army, the entire Soviet people are rising in defense of our native land.

What is required to put an end to the danger hovering over our country, and what measures must be taken to smash the enemy?

Above all, it is essential that our people, the Soviet people, should understand the full immensity of the danger that threatens our country and should abandon all complacency, all heedlessness, all those moods of peaceful constructive work which were so natural before the war, but which are fatal today when war has fundamentally changed everything.

The enemy is cruel and implacable. He is out to seize our lands, watered with our sweat, to seize our grain and oil secured by our labor. He is out to restore the rule of landlords, to restore Tsarism, to destroy national culture and the national state existence of the Russians, Ukrainians, Byelo-Russians, Lithuanians, Letts, Esthonians, Uzbeks, Tatars, Moldavians, Georgians, Armenians, Azerbaidzhanians and the other free people of the Soviet Union, to Germanize them, to convert them into the slaves of German princes and barons.

Thus the issue is one of life or death for the Soviet State, for the peoples of the USSR; the issue is whether the peoples of the Soviet Union shall remain free or fall into slavery.

The Soviet people must realize this and abandon all heedlessness, they must mobilize themselves and reorganize all their work on new, wartime bases, when there can be no mercy to the enemy.

Further, there must be no room in our ranks for whimperers and cowards, for panic-mongers and deserters. Our people must know no fear in fight and must selflessly join our patriotic war of liberation, our war against the fascist enslavers.

Lenin, the great founder of our State, used to say that the chief virtue of the Bolshevik must be courage, valor, fearlessness in struggle, readiness to fight, together with the people, against the enemies of our country.

This splendid virtue of the Bolshevik must become the virtue of the millions of the Red Army, of the Red Navy, of all peoples of the Soviet Union.

All our work must be immediately reconstructed on a war footing, everything must be subordinated to the interests of the front and the task of organizing the demolition of the enemy.

The people of the Soviet Union now see that there is no taming of German fascism in its savage fury and hatred of our country which has ensured all working people labor in freedom and prosperity.

The peoples of the Soviet Union must rise against the enemy and defend their rights and their land. The Red Army, Red Navy and all citizens of the Soviet Union must defend every inch of Soviet soil, must fight to the last drop of blood for our towns and villages, must display the daring initiative and intelligence that are inherent in our people.

We must organize all-round assistance for the Red Army, ensure powerful reinforcements for its ranks and the supply of everything it requires, we must organize the rapid transport of troops and military freight and extensive aid to the wounded.

We must strengthen the Red Army's rear, subordinating all our work to this cause. All our industries must be got to work with greater intensity to produce more rifles, machine-guns, artillery, bullets, shells, airplanes; we must organize the guarding of factories, power-stations, telephonic and telegraphic communications and arrange effective air raid precautions in all localities.

We must wage a ruthless fight against all disorganizers of the rear, deserters, panic-mongers, rumor-mongers; we must exterminate spies, diversionists and enemy parachutists, rendering rapid aid in all this to our destroyer battalions.

We must bear in mind that the enemy is crafty, unscrupulous, experienced in deception and the dissemination of false rumors. We must reckon with all this and not fall victim to provocation.

All who by their panic-mongering and cowardice hinder the work of defence, no matter who they are, must be immediately haled before the military tribunal. In case of forced retreat of Red Army units, all rolling stock must be evacuated, the enemy must not be left a single engine, a single railway car, not a single pound of grain or a gallon of fuel.

The collective farmers must drive off all their cattle, and turn over their grain to the safe-keeping of State authorities for transportation to the rear. All valuable property, including non-ferrous metals, grain and fuel which cannot be withdrawn, must without fail be destroyed.

In areas occupied by the enemy, guerrilla units, mounted and on foot, must be formed, diversionist groups must be organized to combat the enemy troops, to foment guerrilla warfare everywhere, to blow up bridges and roads, damage telephone and telegraph lines, set fire to forests, stores, transports.

In the occupied regions conditions must be made unbearable for the enemy and all his accomplices. They must be hounded and annihilated at every step, and all their measures frustrated.

This war with fascist Germany cannot be considered an ordinary war. It is not only a war between two armies, it is also a great war of the entire Soviet people against the German fascist forces.

The aim of this national war in defense of our country against the fascist oppressors is not only elimination of the danger hanging over our country, but also aid to all European peoples groaning under the yoke of German fascism.

In this war of liberation we shall not be alone. In this great war we shall have loyal allies in the peoples of Europe and America, including the German people who are enslaved by the Hitlerite despots.

Our war for the freedom of our country will merge with the struggle of the peoples of Europe and America for their independence, for democratic liberties.

It will be a united front of peoples standing for freedom and against enslavement and threats of enslavement by Hitler's fascist armies.

In this connection the historic utterance of the British Prime Minister Churchill regarding aid to the Soviet Union and the declaration of the United States Government signifying its readiness to render aid to our country, which can only evoke a feeling of gratitude in the hearts of the peoples of the Soviet Union, are fully comprehensible and symptomatic.

Comrades, our forces are numberless. The overweening enemy will soon learn this to his cost. Side by side with the Red Army many thousands of workers, collective farmers, intellectuals are rising to fight the enemy aggressor. The masses of our people will rise up in their millions.

The working people of Moscow and Leningrad have already commenced to form vast popular levies in support of the Red Army. Such popular levies must be raised in every city

which is in danger of enemy invasion, all working people must be roused to defend our freedom, our honor, our country—in our patriotic war against German Fascism.

In order to ensure the rapid mobilization of all forces of the peoples of the U.S.S.R. and to repulse the enemy who treacherously attacked our country, a State Committee of Defense has been formed in whose hands the entire power of the State has been vested.

The State Committee of Defense has entered upon its functions and calls upon all people to rally around the Party of Lenin-Stalin and around the Soviet Government, so as to self-denyingly support the Red Army and Navy, demolish the enemy and secure victory.

All our forces for support of our heroic Red Army and our glorious Red Navy! All forces of the people—for the demolition of the enemy! Forward, to our victory!

Русская дорога

По плачущей земле не чуя сапогов
Наш обескровленный отряд уходит от врагов
Питаюсь на ходу щавелевым листом
Ночуя в буреке под калиновым кустом

Нам отдохнуть нельзя — бегом, бегом, бегом
А наши, якобы, друзья засели за бугром
И смотрят как нас бьют, не отрывая глаз
И только длинные дороги полностью за нас

Вытри слезы, отдохни немного, я русская
дорога
Отходи, а я тебя прикрою, грязью да водою

Но по уши в грязи, в воде до самых глаз
Через какой-то срок враги опять нагнали нас
И бьют ещё сильнее, вот-вот и порешат
Но лютые морозы к нам на выручку спешат

Погоди утри горячи слезы, мы русские
морозы
Заморозим, заметём тоскою, поманив
Москвою

Природа на войне, нам как родная мать
Но есть время хорониться, а есть время
наступать
И вскоре объявились мы во вражьих
городках
И стали всё крушить вокруг, разбили в пух и
прах

Порвали на куски, измолотили в хлам
И, добывая, объясняли стонущим врагам:
Запомните загадочный тактический приём -
Когда мы отступаем — это мы вперед идем!

Вместе с холодами и лесами, впереди
Сусанин
Просто нам завещана от Бога Русская Дорога
Русская Дорога, Русская Дорога, Русская
Дорога...

Russian Road

Along the crying earth, not feeling jackboots,
Our bloodless detachment's escaping from the
enemies
Eating sorrel leaves on the run,
Staying overnight in a gully under an arrow-
wood bush.

It is impossible to rest for us -- run away, run
away, run away.
And our pretending friends are staying abroad.
And watching closely how we are being beaten.
Only the long roads are absolutely there for us.

Wipe your tears, rest a little,
I'm Russian road.
Retreat and I cover your retreat
with mud and water.

But they're head over ears in mud, up to eyes in
water.
Some time later the enemies ran us down again.
they're attacking us more strongly, are just about
to overkill us.
But the biting frosts are rushing to help us.

Rest, wipe your bitter tears,
We are Russian frosts.
As enticing by Moscow, we'll freeze the
enemies,
cover them with melancholy.

The nature is like our own mother in the war,
But it was time to hide, now it's time to advance,
And soon we're appeared in the enemy towns.
And began to destroy all around, oversmashed.
Broke off to pieces, thrashed into ruins.
And as crushing, we explained the moaning
enemies.

Remember our strange tactical method.

When we retreat - it means we advance.

Together with frosts and forests, Susanin's
ahead.

Just God gave us Russian road.

Russian road, Russian road, Russian road.

Musica por Igor Rasteryaev
2011